



104.º Aniversário da Batalha de La Lys

Dia do Combatente

núcleos no País

Abiul

Travessa da Praça de Touros,1 3100-012 Abiul - Pombal
Tel: 919 770 934 / 918 946 691
abiul@ligacombatentes.org

Abrantes

Rua do Arcediago, 16 - 2200-399 Abrantes
Tel: 241 372 885
abrantes@ligacombatentes.org

Alcácer do Sal

Calçada 31 de Janeiro, 21 7580-098 Alcácer do Sal
Tel: 265 081 958 / 968 764 323
combatentes.alcacer@gmail.com

Alcobaça

Rua Luis de Camões, 63, r/c - D 2460-014 Alcobaça - Tel: 262 597 616
liga.combatentes@netvisao.pt

Aljezur

Rua 29 de Agosto, Bl B - Fracção Q-LjI Barrada -8670-130 Aljezur
aljezur@ligacombatentes.org.pt

Almada

Praça Gil Vicente, 13, 4.º - F 2800-098 Almada - Tel: 211 397 391
almada@ligacombatentes.org.pt

Arouca

Rua Dr. António Casimiro Leão Pimentel (perto do Tribunal) – 4540-132 Arouca
Tel: 256 944 637

Aveiras de Cima

Rua António Amaro dos Santos, 5 2050-075 Aveiras de Cima
Tel: 263 476 796

Aveiro

Rua Eng. Von Haffe, 61, 1.º - C
Tel: 234 036 096 - 3800-177 Aveiro
aveiro@ligacombatentes.org

Assoc. Nacional dos Titulares do Título do Reconhecimento da Nação

Rua dos Barreiros, n.º 4 - São Bernardo 3810-062 - AVEIRO - Tel: 234 422 456
antonio.jacinto58@hotmail.com

Barreiro

Largo Domingos Dias, 1 - Lavradio 2835-374 Barreiro
ligacombatentesbarreiro@gmail.com

Batalha

Rua Maria Júlia Sales Oliveira Zuquete Moinho de Vento - Ap. 104 2440-901 Batalha - Tel: 244 765 738
ligacombatentesbtl@sapo.pt

Beja

Rua Infante D. Henrique (Escola Primária n.º 4) 7800-318 Beja
Tel: 284 322 320 / 967 820 093
beja@ligacombatentes.org

Belmonte

Edifício Multiusos – Sala 1
Rua Pedro Álvares Cabral 6250-086 Belmonte – Tel: 935 717 647
combatentesnucleobelmonte@gmail.com

Braga

Bêco do Eirado, 13, 1.º 4710-237 Braga – Tel: 253 216 710
braga@ligacombatentes.org

Bragança

Rua General Sepúlveda, 10 5300-054 Bragança
Tel: 273 326 394 – ligabr@sapo.pt

Caldas da Rainha

Rua do Sacramento, 7 - R/c Esq. 2500-182 Caldas da Rainha
TM: 913 534 248/262 843 142
caldas.rainha@ligacombatentes.org

Campo Maior

Rua Fonte Nova, 2 - Estrada Nacional 371 7370-201 Campo Maior
Tel: 268 030 134
campo.maior@ligacombatentes.org.pt

Cantanhede

Largo Pedro Teixeira
Casa dos Bugalhos, 1.º 3060-132 Cantanhede
Tel: 913 531 422
cantanhede@ligacombatentes.org.pt

Castelo Branco

Rua de Santa Maria, 104 6000-178 Castelo Branco
Tel: 272 092 316
castelo.branco@ligacombatentes.org.pt

Chaves

Terreiro de Cavalaria, 2 5400-193 Chaves
Tel: 276 402 761 / 910 270 478
chaves@ligacombatentes.org

Coimbra

Rua da Sofia, 136 - 3000-389 Coimbra
Tel/Fax: 239 823 376
coimbra@ligacombatentes.org

Covilhã

Rua Acesso à Estação, Lote 2 - r/c Loja 6 6200-494 Covilhã
Tel e Fax: 275 323 780 / 914 782 026
covilha@ligacombatentes.org

Elvas

Av. 14 de Janeiro - Portas da Esquina, 16 - R/c Esq. 7350-092 Elvas
Tel: 966 795 962
ligacomb.elvas@sapo.pt
ligacombatentes.elvas@gmail.com

Entroncamento/V. Nova da Barquinha

Rua Eng. Ferreira Mesquita, 1 2330-152 Entroncamento
Tel: 249 719 101
entroncamento@ligacombatentes.org

Espinho

Apartado 7 - FACE (Fórum de Arte e Cultura de Espinho), Rua 41
Av.º João de Deus - Sala 35 EC Anta 4501-908 Espinho
Tel: 227 324 799
ligacomb.espinho@sapo.pt

Estremoz

Portas de Sta. Catarina
Prédio Militar 22 – 7100-110 Estremoz
Tel/Fax: 268 322 390
nucleoetz@hotmail.com

Évora

Rua dos Penedos, 10 - 7000-531 Évora
Tel: 266 708 682
evora@ligacombatentes.org

Faro

Rua Dr. José de Matos, 115 - B, r/c 8000-501 Faro
Tel/Fax: 289 873 067
nucleodefaro@gmail.com

Figueira da Foz

Rua Rancho das Cantarinhas, 44, r/c Buarcos - 3080-250 Figueira da Foz
Tel: 233 428 379
figueira.foz@ligacombatentes.org

Funchal

Casa do Combatente – Beco do Paiol, 32-A São Pedro 9000-198 Funchal
Tel: 291 220 141
funchal@ligacombatentes.org

Gouveia

Rua da República, 43 2500-182 Caldas da Gouveia
Tlm.: 910 133 472
gouveia@ligacombatentes.org.pt

Guarda

Praça Dr. Francisco Salgado Zenha 6300-694 Guarda - Tel: 271 211 891
nucleodaguarda@gmail.com

Ilha Graciosa

(Nova delegação de Angra do Heroísmo / Praia da Vitória)
Rua do Mercado Municipal
Santa Cruz de Graciosa 9880-373
Tel: 295 732 125

Ilhas de São Miguel e Santa Maria

Rua José Maria Raposo do Amaral, 28 9500-078 Ponta Delgada
Tels: 296 282 333
ponta.delgada@ligacombatentes.org

Ilha Terceira

Rua Nova, s/n.º - Conceição 9700-132 Angra do Heroísmo
Tel: 295 212 277
angra.heroismo@ligacombatentes.org

Lagoa/Portimão

Rua Alexandre Herculano, 20, r/c Apartado 265 - 8400-370 Lagoa
Tel: 282 089 169
lagoa.portimao@ligacombatentes.org

Lagos

Rua Castelo dos Governadores, 60 8600-563 Lagos - Tel: 282 768 309
Tlm: 928 024 581 - lagos@ligacombatentes.org

Lamego

Urbanização da Ortigosa
Rua Eng.º Pina Manique e Albuquerque, Bl 8-c/v Esq. 5100-003 Lamego
Tel: 254 613 565
lamego@ligacombatentes.org

Leiria

Av. 25 de Abril, Lote 12, r/c - Dto. 2400-265 Leiria - Tel/Fax: 244 001 600
leiria@ligacombatentes.org

Lisboa

Rua João Pereira da Rosa, 18, r/c 1249-032 Lisboa
Tel/Fax: 913 509 035 / 913 508 979
nucleo.lisboa@ligacombatentes.org

APCA-Associação Portuguesa dos Capacetes Azuis

Tlm: 910501674 - apca@ligacombatentes.org

Lixa

Rua dos Bombeiros Voluntários, 63 4615-604 Lixa - Tel: 255 495 280
lixax@ligacombatentes.org.pt

Loulé

Av.º José da Costa Mealha, 150 8100-501 Loulé - Tel/Fax: 289 413 726
nucleo.loule@gmail.com

Loures

Rua Dr. Alberto Alves de Oliveira, 5 A
Tel.: 925 760 165/968 070 587
2670-401 Loures
loures@ligacombatentes.org

Lourinhã (Delegação do Núcleo de Torres Vedras)

Mercado Municipal da Lourinhã
Av.º Dr. José Catanho Meneses, 30-B-1º OB, 1.º Sala M8 –2530-163 Lourinhã,
Tel: 261 438 207

Macedo de Cavaleiros

Prédio Alameda - Rua da Biblioteca, 8 - 1.º Dto - Escritório n.º 1 e 6 5340-201 Macedo de Cavaleiros
Tel: 278 421 374
nucleo.macedo@gmail.com

Macieira de Cambra

Rua do Souto, 190 3730-226 Macieira de Cambra
Tel: 256 284 566
macieira.cambra@ligacombatentes.org.pt

Mafra

Largo dos Combatentes - 2640-445 Mafra
Tel: 261 092 480
nucleomafralc@gmail.com

Maia

Av. Senhor de Sta. Cruz (Escola EB1/JI de Santa Cruz)
Castêlo da Maia 4475-051 Maia
Tlm: 917 592 924 - 927 407 321
nucleoiligadoscombatentes.maia@gmail.com

Manteigas

Rua Dr. Pereira de Matos 6260-111 Manteigas
Tel/ Fax: 275 982 300 - Tlm: 915 750 902
ligacombatentesmanteigas@gmail.com

Marco de Canaveses

Avenida Gago Coutinho, 169 4630-206 Marco de Canaveses
Tel: 255 532 390
combatentesdomarco@gmail.com

Marinha Grande

Rua do Ponto da Boavista, 12 2430-051 Marinha Grande
Tel: 244 096 830
ligamg@sapo.pt; lcmgsecretaria@gmail.com

Matosinhos

Av.º Rodrigues Vieira, 80 - Araújo (Antiga Escola Básica 1.º Ciclo do Araújo) 4465-738 Leça do Balio
Tel: 224 901 476 / 915 750 461
matosinhos@ligacombatentes.org

Mêda

Av. Gago Coutinho e Sacadura Cabral Imóvel Conde Ferreira, 1º 6430-183 Meda
Tlm: 925 674 611
nucleomedacombatentes@gmail.com

Miranda do Douro

Rua D. Dinis, 4 - r/c 5210-217 Miranda do Douro - Tel: 273 432 201
miranda.douro@ligacombatentes.org

Mirandela

Rua da República, 25, 1.º – 5370-347 Mirandela
Tel: 278 990 562
mirandela@ligacombatentes.org

Monção

Rua Dr. Álvares Guerra, 48/52 (Apartado 92) - 4950-433 Monção
Tel: 251 652 521 / 915 750 875
moncao@ligacombatentes.org

Montargil

Travessa dos Combatentes, 5 7425-141 Montargil - Tel: 242 904 060

Montemor-o-Novo

Largo Paços do Concelho, 18 7050-127 - Montemor-o-Novo
Tlm: 913 509 156
ligacombatentes.montemornovo@gmail.com

Montijo

Rua Pocinho das Nascentes, nº 255 2870-307 Montijo
Tel: 211 338 247
montijo@ligacombatentes.org.pt

Mora

Rua do Parque, 3 - 7490-244 Mora
Tel: 266 403 247 - Tlm: 913 534 586-938 529 226
mora@ligacombatentes.org.pt

Moura

Largo dos Quartéis, Edifício dos Quartéis, Lote 12 Caixa Postal 3012 7860-119 Moura

Mourão

Praça da República, 4 - 1º D1º 7240-233 Mourão
mourao@ligacombatentes.org

Oeiras/Cascais

Rua Cândido dos Reis, 216, 1.º 8700-314 Olhão
Tel: 266 501 478 - Tlm: 913 534 592
oeiras@ligacombatentes.org

Olhão

Av. Sporting Clube Olhanense, 6-A 4760-726 Ribeirão - Tel: 252 414 219
ribeirao.lcombatentes@sapo.pt

Oliveira de Azeméis

Rua António Alegria, 223, 1.º 3720-234 Oliveira de Azeméis
Tel / Fax: 256 688 112
ligadoscombatentesoaz@gmail.com

Oliveira do Bairro

Rua António de Oliveira Rocha, Edifício da Estação da CP 3770-206 Oliveira do Bairro
Tel: 234 296 606
oliveira.bairro@ligacombatentes.org

Penafiel

Rua Eng.º Matos, 20 (Antigo Matadouro Municipal) 4560-465 Penafiel
Tel: 255 723 281
penafiel@ligacombatentes.org

Peniche

Rua Bairro do Calvário, 54 2520-626 Peniche
Tel: 262 380 073
peniche@ligacombatentes.org

Pico

Estrada Regional, 45 - S. Miguel Arcanjo 9940-312 São Roque do Pico
Tlm: 919 241 476
pico@ligacombatentes.org.pt

Pinhal Novo

Urbanização Vale Flores (Monte Francisquinho) 2955-409 Pinhal Novo
Tel: 915 753 593
pinhal.novo@ligacombatentes.org

Pinhel

Travessa Portão Norte, 2 6400-303 Pinhel
Tlm: 967 397 369
pinhel.ligacombatentes@sapo.pt

Ponte de Lima

Via de Sabadão, 181 - Arcozelo 4990-256 Ponte de Lima
967 039 844
ponte.lima@ligacombatentes.org.pt

Portalegre

Rua 15 de Maio, 3 7300-206 Portalegre
Tel/Fax:245 202 723
Tlm: 915 755 950
portalegre@ligacombatentes.org

Portimão

Delegação do Núcleo Lagoa
Rua Quinta do Bispo, Bloco A 8500-729 Portimão
Tel: 282 415 341
lagoa.portimao@ligacombatentes.org.pt

Porto

Rua da Alegria, 39 4000-041 Porto
Tel: 222 006 101 - 913 060 168
porto@ligacombatentes.org

Póvoa de Varzim

Apartado 000121 - EC – Póvoa de Varzim 4494-909 Póvoa de Varzim
jcostavilaca@sapo.pt

Queluz

Rua Dr. Manuel Arriaga, 64 - A 2450-158 Queluz
Tel: 216 067 036
queluz@ligacombatentes.org

Reguengos de Monsaraz

Rua Dr. Francisco Salles Glão, 21 7200-303 Reguengos de Monsaraz
Tel: 266 501 478 - Tlm: 913 534 592
reguengos@ligacombatentes.org.pt

Ribeirão

Rua Dr. José Leite dos Santos, 2 - Santa Ana 4760-726 Ribeirão - Tel: 252 414 219
ribeirao.lcombatentes@sapo.pt

Rio Maior

Rua D. Afonso Henriques, 79 A 2040-273 Rio Maior
Tel/Fax: 243 908 107
rio.maior@ligacombatentes.org

Sabugal

Rua Luís de Camões, 9 2250-066 Constância
Tlm: 926882002-961630443-968734125
combatentes.sabugal@gmail.com

Santa Margarida da Coutada

Rua Luís de Camões, 9 2250-066 Constância
Tlm: 912 664 316 / 919 166 651
santa.margarida@ligacombatentes.org

Santarém

Rua Miguel Bombarda, 12 2000-080 Santarém - Tel: 243 324 050
liga.santarém@sapo.pt

São Teotónio

Rua do Comércio, 4 7630-620 São Teotónio - Tlm: 914 272 306
sao.teotonio@ligacombatentes.org.pt

Seixal

Rua 1.º de Maio, 83 - Loja A - Amora 2845-125 Seixal - Tlm: 969 073 436
seixal@ligacombatentes.org

Sesimbra

Travessa Cândido dos Reis, 9, 1.º 2970-789 Sesimbra - Tel: 210 867 160
sesimbra@ligacombatentes.org

Setúbal

Rua dos Almocreves, 62 r/c - 2900-213 Setúbal
Tel: 265 525 765 - Tlm: 913 531 745
setubal@ligacombatentes.org

Sintra

Rua Dr. António José Soares, 2 - Portela 2710-423 Sintra - Tel: 219 243 288
Tlm: 925 663 075
sintra@ligacombatentes.org

Tábua

Rua do Bairro da Paz, 19 3420-021 Candosa - Tlm: 968 404 272
tabua@ligacombatentes.org

Tarouca

Rua D. João Teles da Silva
Edifício Ponte Pedrinha, 180 -Bloco 3, r/c Esqº 3610-099 Tarouca - Tlm: 939 353 837
tarouca.combatentes@hotmail.com

Tavira

Rua TCor Melo Antunes, 2, r/c - Dto. 8800-687 Tavira - Tlm: 914719 477
tavira@ligacombatentes.org.pt

Tomar



6



12



14



18



34



38

Liga Solidária

NIB 0035 0396 0022 0208 9305 8

Do antecedente.....	97.880,96€
Alfredo Simões Serafim.....	10,00€
António Esteves Pires.....	40,00€
António Sousa.....	20,00€
António Sousa Machado.....	20,00€
Donativos Anónimos.....	58,76€
Donativos Capela do FBS - 1º Trimestre de 2022.....	425,14€
José Júlio dos Anjos Borges.....	20,00€
Núcleo de Matosinhos da Liga dos Combatentes.....	300,00€
Orlando do Carmo do Couto.....	20,00€
Saldo em 25-05-2022.....	98.774,86€

6
BREVE RESENHA DA CCAÇ98
(1961-1963), EM ANGOLA

12
A GUERRA NA UCRÂNIA

14
ALCOBERTAS
MONUMENTO AOS COMBATENTES

18
ESTATUTO DO ANTIGO COMBATENTE
PROPOSTA DE ALTERAÇÃO À LEI 46/2020

34
DIA DAS OPERAÇÕES
DE PAZ E HUMANITÁRIAS

38
ESTÓRIAS DA HISTÓRIA
RECORDANDO O 9 DE ABRIL DE 1927

A ameaça paranóica e a paranóia da ameaça

O dia 29 de maio de 2022, foi dia de, mais uma vez, homenagearmos as Forças Nacionais Destacadas e todos aqueles que nelas participam ou participaram, no apoio à manutenção ou implementação da paz. Paz, valor pelo qual vale a pena dialogar e, se necessário, lutar.

Fazemo-lo, no ano em curso, condicionados pela guerra no leste da Europa e pela ameaça verbal televisiva, da sua extensão a nível europeu e global, através da utilização de meios da mais elevada tecnologia e destruição, até agora, generalizadamente, considerados dissuasores dessa mesma guerra.

Quebrada a confiança leste oeste conseguida após a queda do muro de Berlim e que se verificou, melhor ou pior, até ao corrente ano, serão precisos anos até que a mesma um dia possa ser restabelecida. Entramos em mais um período da história europeia de instabilidade, insegurança e imprevisibilidade.

A "paz eterna", mais uma vez, terminou. O mundo europeu mais uma vez mudou, alterando-se a estabilidade conseguida, pela dissuasão, após a segunda guerra mundial.

A Dissuasão, porém, deu lugar à Lassidão. A procura do bem-estar, objetivo e valor superior de qualquer sociedade deu lugar ao abandono do objetivo e valor igualmente superior de uma sociedade: a sua segurança. Mas nós portugueses, para garantirmos a nossa segurança, não temos que estar preparados para atacar ninguém. Devemos, sim, estar preparados para nos defendermos. Defendermo-nos de ameaças, em que intenções e possibilidades, apontam para uma utópica Eurásia política de Lisboa a Vladivostok.

Defendermos o território Nacional de ameaças, em que intenções e possibilidades apontam para a hipótese de emprego de mísseis que podem cair em Paris, Madrid, Lisboa ou Nova York.

Defendermo-nos de quem nos considera país hostil. Situação que não vivíamos há mais de duzentos anos. Enfim, defendermo-nos de ameaças paranóicas e da paranóia da ameaça.

Não podemos estar preparados, apenas, para ir participar com meios humanos na defesa da Europa, longe do território nacional, quando, por exemplo, não estaremos preparados para um mínimo de defesa deste território e sua população, face aos meios modernos da guerra que minimizam a nossa privilegiada posição estratégica. Não estamos preparados em meios humanos nem

materiais. O mesmo acontecendo à Europa ocidental. Mas estamos alertados para tal facto por Sua Exa. o Presidente da República, mais uma vez através dos seus discursos no dia 9 de abril, Dia do Combatente, na Batalha e no Dia 25 de abril, na Assembleia da República. Mas estamos preparados sim, doutrinária e conceptualmente.

Refiro os importantes e detalhados discursos da senhora Ministra da Defesa nacional no Dia do Combatente e na Assembleia da República em que define como fundamentais linhas de ação a sua preocupação com as pessoas, o reforço da operacionalidade das Forças Armadas e a contribuição de Portugal na defesa coletiva. Tomamos igualmente conhecimento das Diretivas ao mais Alto Nível da Forças Armadas.

O EMGFA na pessoa do seu Chefe de Estado-Maior-General, Almirante Silva Ribeiro, definiu a utilização das Forças Armadas disponíveis, no âmbito da NATO, em 2022 e definiu igualmente, em Diretiva Estratégica, a sua ambição para a inovação das Forças Armadas 2022 a 2032. Nesta última Diretiva a preocupação orientadora permanente é da Inovação, Inovação, Inovação. Estabelecendo como objetivo estratégico a dinamização da inovação e da transição digital das Forças Armadas.

Cumpra-se então a Inovação na linha do reforço e dinamização das capacidades científicas e tecnológicas nacionais. Aguardemos o futuro Conceito Estratégico da NATO e o Conceito Estratégico Nacional, a sua consequência na Lei de Programação Militar e nos futuros orçamentos do País.

Só depois disso, teremos ou não garantia de que as nossas Forças Armadas virão a ter meios para que um dia não lhes volte a ser determinado que cumpram missões militares de defesa, em terra, no mar e no ar, sem que lhes tenham sido dados os mínimos meios humanos e materiais para o efeito.

Os cenários que se nos deparam são realistas demais para que não utilizemos o tempo a nosso favor. Mesmo que a atual guerra termine, como todos desejamos, logo se admitirá por parte dos mais otimistas o imediato baixar da guarda, mas continuarão reais e presentes, os efeitos de uma ameaça paranóica e de uma paranóia da ameaça que poderão ressurgir militarmente a qualquer momento. A Confiança continuará por restabelecer, sem tempo definido para que isso aconteça. A defesa militar da Europa, em terra, no mar e no



Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general
Presidente da Liga dos Combatentes

ar é garantia fundamental para a sua Segurança e manutenção dos seus valores superiores de bem-estar, de Justiça e de Liberdade

É momento de homenagearmos aqueles que têm dignificado as Forças Armadas no estrangeiro cumprindo superiormente as suas missões.

Quer ao serviço da ONU, quer ao serviço da EU, quer da NATO, é momento de nos curvamos perante a memória dos que caíram ao serviço de Portugal nas Forças Nacionais Destacadas.

Homenagearmos a ação dos três Ramos das Forças Armadas nomeadamente as suas unidades de comandos, paraquedistas, fuzileiros, forças especiais, não esquecendo a ação da Força Aérea, da GNR e da PSP.

Como Presidente da Liga dos Combatentes, e como Combatente da Guerra do Ultramar, apelo à Paz e ao diálogo entre as nações.

O espetáculo a que vimos assistindo, sentados em nossa casa frente à televisão, não é nenhum espetáculo. É uma terrível e dantesca realidade, em que é difícil acreditar que possa acontecer no século XXI. Há cidadãos europeus com os seus bens e suas vidas destruídos ou que morrem condicionados por uma geopolítica expansionista, autoritária, alarmista e desrespeito do princípio de que cada povo tem direito de escolher o seu próprio destino. Foi no respeito desse princípio que saímos do ultramar vendo então, quem hoje desrespeita esse princípio, incentivar-nos para que o fizessemos. É tempo para pensar e agir.

Portugal, ainda em tempo de Paz, deve preparar-se para se defender dos tempos de Guerra, insisto, em terra, no mar e no ar, e ser militarmente credível e sustentável, à sua dimensão, no seio do mundo a que pertence.



Combatente

Edição n.º 400 - Trimestral - junho 2022

Proprietário e Editor:

Liga dos Combatentes
Rua João Pereira da Rosa, 18 - 1249-032 Lisboa
Tel.: 213 468 246 - geral@ligacombatentes.org
NIPC/NIF 500 816 905

Redação:

Rua João Pereira da Rosa, 18 - 1249-032 Lisboa

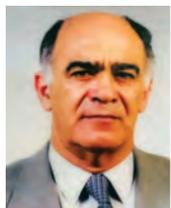
Diretor: Joaquim Chito Rodrigues **Consultor:** Hélder Freire **Conselho Editorial:** Direção Central **Diretor Executivo:** José Geraldo
Editor (Redação): Jorge Henrique Martins **Fotografia:** Hugo Gonçalves **Publicidade:** Elisabete Caboz Tel.: 965 599 991 / 968 452 700
Secretariado: Anabela Rodrigues - anabelarodrigues@ligacombatentes.org **Execução gráfica:** Departamento de Informática LC
Impressão: Lisgráfica, S.A. - Rua Consiglieri Pedroso, 90 - Casal de Santa Leopoldina - 2730-053 Barcarena - Tel: 214 345 444
Expedição: Translsta, Lda. - Rua Miguel Bombarda, 9 - Queluz de Baixo - 2745-124 Barcarena - Tel: 214 266 886
Tiragem: 50.000 exemplares **Depósito Legal:** 210799/04 - ISSN - 223 582 - Nº. ERC - 101 525
Estatuto Editorial: www.ligacombatentes.org/estatuto-editorial/

Os artigos publicados com indicação de autor são da inteira responsabilidade dos mesmos.

Capa: Comemoração do Dia do Combatente - Mosteiro de Santa Maria da Vitória - Batalha. Foto: EMGFA.

Contracapa: Dia das Operações de Paz e Humanitárias - Lisboa, Belém. Foto: Miguel Valle de Figueiredo.

Breve Resenha da CCaç98 (1961-1963), em Angola



Joaquim Amaral

1.ª Comissão – 1961/63

Em 16Abr61, fui mobilizado para Angola, a partir do RI 7 (Leiria), como Alferes, integrar a CCaç98, comandada pelo Capitão Azevedo Simões e fazer parte do BCaç88, sob o comando do Tenente-coronel Salvador Pinheiro. Embarquei em 24Abr61, no Niassa e cheguei a Luanda em 01Mai. Em 13Mai61, avancei para a ZIN, passando sucessivamente por Dondo, Salazar, Lucala, Camabatela, Negage, que atingimos em quatro dias depois.

Em 24Mai61, parti mais para Norte, passando por Bungo e 31 de Janeiro, tendo atingido a Damba em 31Mai61, já durante a noite. Na madrugada seguinte um numerosíssimo grupo inimigo (In), a coberto do nevoeiro e aos gritos de “mata branco” atacou a Damba, onde os poucos brancos residentes estavam barricados na Administração. Teriam sido todos massacrados, como já sucedera em Quitexe, Nova Caipemba, Zalala e outras localidades se não fora a nossa presença e com a qual o In não contava. Foi um combate cerca de 2 horas em que o In usou armas automáticas roubadas nos ataques que haviam feito a postos da Guarda Fiscal. Houve momentos em que se pensou no combate corpo a corpo. Cheguei a operar pessoalmente a Metralhadora Pesada Breda e na perseguição logo que o nevoeiro levantou foi-me muito útil o LGF 8.9.

Em 05Jun61, parti para Maquela do Zombo, onde cheguei nessa noite e em

13Jun61, iniciei a marcha para irmos recuperar a povoação de Cuimba. No dia 16Jun61 fui atacado pessoalmente quando estava com o meu pelotão a reconstruir a ponte do rio Luango. Os tiros de arma automática ficaram cravados na árvore que estava a ser colocada como longarina da ponte e me serviu de abrigo. Noto que eram árvores de 17,5 m de comprimento as que estávamos a usar na reconstrução da ponte e pesavam várias toneladas. A sua colocação só foi possível com a ajuda de um caterpillar que levávamos e com o guincho da GMC. Só cheguei a Cuimba em 24Jun61, depois de reconstruídas várias pontes e em que se destacava, para além da do Luango, a do rio Fukege e foram levantadas imensas abatisses e tapadas inúmeras valas na picada. Foram 96 Km de Maquela do Zombo a Cuimba que demoraram a vencer de 05 a 24 de junho. Foi muito duro! Os alimentos começaram a escassear. Recorremos a abate de cabras encontradas abandonadas: comemo-las, sem condimento de sal ou azeite, com bolachas de água e sal. Em Cuimba, com falta de alimentos, com flagelações permanentes do In, de dia ou de noite (dada a proximidade da fronteira) a vida foi muito difícil. Demos

prioridade a construção de abrigos, a capinagem da antiga pista de aviação e à construção de um forno. Ainda em Cuimba, comandando o meu pelotão reforçado e com o Alferes médico Dr. Rasteiro de Campos, fui às plantações de sisal da CUF, na serra da Canda, para recuperar combustíveis e medicamentos. Por destruição da ponte do rio M'bridge, passámo-lo a vau e fizemos 12 Km a pé. Recuperei 2.400 litros de gasolina e 1.000 litros de gasóleo, além de 3 caixotes de medicamentos. O regresso foi uma duríssima tarefa arrastando aqueles tambores de 200 litros pelo chão e os caixotes de medicamentos às costas, durante 12 Km de picada, por vezes arenosa. Atingimos o rio M'bridge ao anoitecer e, servindo-me de uma árvore atravessada no rio, passámos um a um os tambores de 200 litros e os caixotes de medicamentos para a margem oposta. Entretanto chegara a Cuimba nessa tarde a 8ª CCEsp, da qual fazia parte o Alferes Braz. Este, perguntando por mim ao Capitão Azevedo Simões, soube que estava na missão que acabei de descrever e que o Cap Simões estava preocupado, pois não havia rádios nos pelotões e já era muito tarde. O Braz pediu autorização ao seu comandante



1961 - Os meus alunos da CCaç98.

de companhia e foi com o seu pelotão ao meu encontro. Ajudou-me a passar os tambores no rio. Fiquei-lhe grato pela solidariedade, retribuí-lha acompanhando-o até aos últimos dias da sua vida e depois aos dois filhos, aqui em Coimbra. Foi vítima de melanoma. Não o esqueço nas minhas preces a Deus.

A CCaç98 foi substituída em Cuimba pelo BCaç156. Pondere-se na desproporção de forças: 165 homens conseguiram reocupar e defender Cuimba tendo sido substituídos por um batalhão (650 homens). Em 11Jul61 iniciámos a marcha para Maquela do Zombo, onde chegámos no dia seguinte.

No dia 31Jul61, pelas 23h30, a Companhia recebeu um pedido de socorro da Guarda Fiscal: os guardas do posto fronteiriço de Banza Sosso viam muitas luzes na fronteira (menos de 500 metros). Recebi ordem para ir com o meu pelotão para Banza Sosso. Durante a noite cavámos abrigos e montei a segurança, mas as luzes, entretanto haviam desaparecido. Com alguns guardas auxiliares como guias, de madrugada, fiz um patrulhamento de vários quilómetros e montei uma emboscada em zona de lavras abandonadas e onde angolanos refugiados do lado de lá da fronteira vinham procurar alimentos durante o dia. Capturámos cidadãos angolanos e congoleses sem um único tiro. Com a oferta de um maço de tabaco tudo foi mais fácil. Então o soba congolês de Quixito disse-me que as luzes da noite anterior eram de arcos de pessoas que se deslocavam para uma sanzala próxima onde houvera um óbito. Aproveitei para escrever uma carta ao chefe aduaneiro congolês de Quinzenga, convidando-o a vir a Maquela do Zombo verificar que havia paz entre brancos e angolanos. Essa visita ocorreu em 08Ago61. Entretanto a rádio de Leopoldville noticiava que tropas portuguesas haviam entrado no território congolês perseguindo angolanos, o que era totalmente falso. O Quartel General pediu um relatório que eu elaborei com todo o pormenor.

Sucederam-se os patrulhamentos, com prioridade para as fronteiras de Banza Sosso e Quimbata e ainda para



Um pontão ruiu quando ia colocar a jangada no Rio Zadi. Agosto 1961.

a serra da Canda. Ainda em Maquela do Zombo tomei uma iniciativa: a CCaç98 tinha 33 soldados analfabetos. Com autorização do capitão Simões montei Aulas Regimentais e pessoalmente preparei-os para obterem o grau de 4ª classe. Quando mais tarde fomos colocados em Negage, requeri para eles a realização de provas de exame da 4ª classe, exame esse que realizaram, com provas escrita e oral, na Delegação Escolar de Negage (fiz parte do júri com mais duas professoras do Ensino Primário). Todos obtiveram o seu Diploma que para alguns veio a ser necessário para concorrerem à GNR ou à PSP. Metia-me dó vê-los pedir a um colega que lhes lesse as cartas da família e lhes respondessem por si. Foi muito gratificante vê-los escrevendo, ainda que com alguns erros, os seus “bate-estrada” para a família. Ofereceram-me um estojo Parker com caneta e esferográfica, que ainda hoje existe.

A CCaç98 recebeu a missão de ir reocupar os postos de Béu, Cuilo Futa e Sacandica. Para isso, havia que construir uma jangada com 50 tambores de gasolina e instalá-la no rio Zadi. Começou essa tarefa em 04Set61. A jangada foi construída com a ajuda de camionistas de Maquela. Tive a tarefa de a ir colocar no rio. Foi difícil porque um pontão antes de se chegar ao Zadi não aguentou o peso da viatura civil que a transportava e ruiu. Com a jangada recuperada e o pontão reconstruído,

já no Zadi, mandei atirar Granadas de Mão para o rio infestado de crocodilos. Então 2 soldados pescadores e bons nadadores passaram com o cabo da jangada para a margem oposta e com mais granadas de mão para o rio assegurei o seu regresso à nossa margem. A 07Set61 partimos definitivamente para o Béu. Quando estávamos em plena travessia do Zadi, o capitão Azevedo Simões adoeceu com febre delirante e o Alferes médico decidiu a sua evacuação para Maquela. Assumi o comando da CCaç98, mandei mensagem para o BCaç88 e ordenei ao Alferes Roque que fosse transportar o Cap. Simões para Maquela. O BCaç88 comunicou ao QG declarando que prescindia de capitão porque tinha confiança no meu comando. O Q. G. concordou e passei a comandar a CCaç98. O Cap. Simões, após alta hospitalar, voltou à CCaç98, recolheu os seus haveres e marchou a apresentar-se no RIL para comandar o batalhão de Recruta. Passado pouco mais de um mês de atividade na ZIN, o Cmdt Batalhão reuniu com os seus capitães para colher informações sobre as características dos Alferes do Batalhão (além dos milicianos, éramos 7 do mesmo curso da Academia Militar, dos quais era eu o mais classificado). O Capitão Simões falou dos outros 3 Alferes e disse que de mim falaria no fim. Assim sucedeu. Teceu os maiores elogios à minha pessoa e que considerava “um caso excepcional”. Soube o teor desta



Corrigindo a defesa das fazendas de Cassua e Adriana, Negage.

reunião pelo Capitão Stélio Martins dos Santos, que era o comandante da CCS do Batalhão. Assim se percebe a confiança que o comandante do BCaça88 depositou em mim, entregando-me o comando da CCaça98 até à desmobilização em Mai63, em Leiria.

A 10Set61 reocupi Bêu, seguindo-se Cuilo Futa a 12Set61 A reocupação de Sacandica foi mais difícil porque a ponte do rio Tau, rio muito profundo e caudaloso e com 30 m a vencer foi uma tarefa árdua, com a agravante de chover muito. Houve que fazer uma primeira parte com estacaria para diminuir o vão da ponte, que ficou com 26 metros de extensão. Tal só foi possível realizar com a ajuda de um caterpillar. Atingiu-se Sacandica em 29Set61.

No dia 20Nov61 comecei a ser rendido pela CCaça97, rendição que terminou só em a 27Nov61. Fiquei sedado em Maquela, mas com várias missões: defender a Fazenda S. José; assegurar o funcionamento da jangada do Zadi; fazer o reabastecimento da CCaça97; defender os postos fronteiriços de Banza Sosso e Quimbata; patrulhamento noturno em Maquela; ocupar e defender o Posto sanitário de Maceca; patrulhar a estrada para Cuimba. Enfim, não havia descanso, mas mesmo assim as aulas continuavam. A Companhia tomou ainda parte na Operação Dragão Verde, na região do Luango e a fronteira. Tive o apoio de Morteiro 81. Foi duro porque o capim na zona tinha mais de 2 metros de altura, as matas eram densas e, como chovia muito, havia zonas pantanosas.

Em 23Mai62 a CCaça98 foi deslocada para o Negage e em 30Mai62 foi lançada na Operação Juízo Final, na Serra do Pêlo (região a 70 Km de Songó). Até 09Jun62 a CCaça98 atuou na "limpeza" da área entre os rios Bite-Bite e Andimba. A envergadura do capim muito nos dificultou a vida. Foram feitos patrulhamentos a pé que totalizaram cerca de 156 Km, com alimentação só de rações de combate. Ao fim da operação havia 2 broncopneumonias, 5 diarreias, 42 síndromas gripais. Dormir na mata, sem qualquer abrigo, apanhar chuvas e secar a roupa no corpo tem estas "vantagens". A 09Jun62 regresssei ao Negage, mas dia 19Jun62 tive de ir reforçar a defesa de Bembe, onde permaneci até 02Jul62. A CCaça passou a vida a correr para "apagar fogos" e com isso evitar o massacre dos brancos que viviam em pequenas localidades. Entretanto no Negage, o Brigadeiro Cmdt da ZIN atribuiu-me a missão de, pessoalmente, ir verificar as condições de segurança das Fazendas de café, que eram defendidas por civis da OP-CVDA. Percorri algumas 30 fazendas corrigindo situações nas suas defesas e a 14Jul já estava na Operação Bastilha na região de Canzundo. Regressei ao Negage na tarde de 17Jul62, estando prevista a partida da CCaça98 para Luanda na manhã seguinte, depois de mais de 15 meses de intensa atividade operacional. Todavia, mal cheguei da Operação Bastilha, fui chamado ao Comando da ZIN e recebi ordem de ir no dia seguinte, não para Luanda, mas sim para Zalala. Era preciso substituir o

Cap Teles Grilo que enlouquecera. Havia várias companhias de Intervenção, mas o Brigadeiro, por contacto com o Cmdt do BCaça88, escolheu a CCaça98. Foi "um balde de água gelada" para os meus militares: nós fomos para Zalala e o resto do Batalhão foi para Luanda. Era uma zona com muito terrorismo. Permaneci em Zalala com a missão de defender a Fazenda (estava em plena laboração da colheita do café com bailundos, recrutados no Sul) e abrir o itinerário até Nova Caipemba. Não esqueço pedaços de massa encefálica colados numa parede, resultantes do massacre ali havido anteriormente de brancos da Fazenda e que o Cap Teles Grilo, na sua demência, se recusava a mandar lavar a parede. Foi a primeira coisa que fiz logo que assumi o comando. Dias muito duros para quem com 23 anos de idade tinha tanta responsabilidade comandando a companhia naquelas circunstâncias. Rendido o Capitão Teles Grilo (a sobreposição foi feita com o Tenente Miliciano Gouveia, Adjunto da CCaça62), estive em Zalala até 08Ago62, altura em que fui rendido pela CCaça365.

Ainda em Zalala, a CCaça tomou parte na Operação Cabra Cega, em resposta a ataque In a elementos da OP-VDCA. Lembro um incidente havido com o Cmdt do Batalhão de Quitexe, de quem dependia operacionalmente. Atendendo a que eu era Alferes, quis tomar uma atitude administrativa em prejuízo da CCaça98 e benefício de uma das suas companhias orgânicas. Convidou-me muito cordialmente para almoçar, mas antes fomos para a sala de operações para expor o que queria fazer. Interrompi-o para lhe mostrar que iria alterar a missão que eu recebera concretamente do QG (exibi-lhe a mensagem). Ficou furioso. Acabou o briefing e já não almocei no Quitexe. O diferendo entre nós continuou por mensagens. Tive de lhe explicar que eu dependia do Batalhão só no aspeto operacional por estar em Reforço, mas não dependia dele em mais nada. A situação chegou ao ponto de eu lhe dizer que os conceitos de Reforço e Apoio Direto, que ele estudara na cadeira de Tática na Escola do Exército, foram os

mesmos que eu também estudara. Como Alferes tive que me impor em defesa dos 165 homens que me estavam confiados. E, como eu estava carregado de razão, o senhor Tenente-coronel "meteu a viola no saco" e não abusou da minha tenra idade e posto.

No dia 08Ago62, a companhia partiu para Luanda, onde se manteve até 27Set62. O Cmdt BCaça88 deu-me prioridade sobre os capitães para escolher o local da ZMC para onde eu queria levar a companhia. Os capitães "refilaram", mas o Comandante manteve a decisão dizendo-lhes que a CCaça98 fora a Companhia que tivera mais atividade operacional no Norte. Escolhi a cidade da Gabela: destaquei um pelotão para a Quibala e outro para a Cella. Fiquei com o Reforço do 1º Pel I/RINL em Mussende e o 2º Pel I/RINL na Gabela. Em resumo, como Alferes, passei a responder pela CCaça98 e mais 2 Pelotões do RINL. Entretanto o Comandante da ZMC (Coronel Faustino Duarte), após contacto com o meu comandante, determinou que o subalterno que comandava o 2º Pel I/Gabela regressasse a Nova Lisboa e eu assumisse o comando total também desse pelotão. Foi um período de muito trabalho.

Coincidiu com a passagem dos soldados indígenas a igual categoria dos metropolitanos (logo, cálculo de vencimentos com retroativos); acabar com as tarimbas em que dormiam e requisitar camas; acabar com o fardamento de caqui azul e beje e requisitar camuflados e demais peças de vestuário; fazer espólios. Tive a ajuda preciosa do 1º Sargento Lourenço, militar competente e sério. Entretanto, foram colocados no



02 de maio de 1963 - Como Comandante da CCaça98, agradecendo a recepção prestada pela população de Leiria à 1.ª Companhia, que marchou para Angola, em 1961.

BCaça88 três tenentes milicianos a estagiarem para aprenderem connosco o que era comandar uma companhia em Angola. Depois iriam fazer o tal curso "de aviário" à AM. Continuei responsável pela CCaça98, mas porque era Alferes, os ofícios eram assinados pelo Tenente miliciano. Não me levantou problemas ao meu comando e muito aprendeu na companhia. Um exemplo dessa aprendizagem: O Delegado de saúde (Dr. Diogo) queixou-se-me de que todas as semanas lhe apareciam nativos com fortes hemorragias gástricas e alguns acabavam por morrer. A causa era a ingestão de cadengol/cachipembe (bebida alcoólica artesanal proibida). O grande responsável era o fazendeiro mais rico da região (Secundino Alves da Silva), que o produzia na sua Fazenda. Procurei documentar-me elaborando um croquis, saí altas horas da noite do quartel e mal a venda do cadengol começou a funcionar, entrei de rompante com os meus militares. Dei-lhe voz de prisão por crime contra a saúde pública. Pedi-me para ir a casa buscar um casaco, mas não autorizei.

Apesar dos meus tenros 23 anos, percebi a intenção: como eu não tinha um mandado de captura com invasão do domicílio furtar-se-ia à minha ordem. Conduzi-o ao quartel e ficou na prisão. Então o Tenente miliciano opinou que resolvia o caso dando-lhe "uma carga de porrada". Não segui essa opinião: elaborei um Auto de Notícia e, debaixo de escolta, foi entregue ao Tribunal da Gabela. Foi julgado em Processo Sumário, condenado a prisão remível a dinheiro e, por ser reincidente, avisado que na próxima condenação seria deportado para o Continente. Acabei com a ganância do fazendeiro, acabei com a angústia do Dr. Diogo e, sobretudo, protegi a saúde daqueles desgraçados. Expliquei ao Matos Chaves como é que se devem resolver casos desta natureza. Por ter tido a ousadia de prender o fazendeiro mais rico da região, dizia-se na cidade que o Alferes comandante militar era "de gancho".

A CCaça98 partiu para Luanda em 15Abr63 e sob o meu comando regressou no Vera Cruz. Em 02Mai63 foi desmobilizada no RI7 (Leiria).

Apoie a Liga dos Combatentes ao consignar 0,5% do seu IRS

Ao consignar 0,5% do seu IRS vai estar a apoiar a Liga dos Combatentes, sem quaisquer custos para si.

A consignação do IRS permite-lhe encaminhar uma parte do imposto a favor do Estado para uma entidade. E sem qualquer custo: num cenário de reembolso não recebe menos e num cenário de imposto adicional, não paga mais. Através da consignação do IRS, pode atribuir à LIGA DOS COMBATENTES 0,5% do IRS liquidado (imposto que cabe ao Estado depois de descontadas as deduções à coleta). Assim, em vez de o seu IRS ficar todo nas mãos do Estado, uma parte é canalizada pelo próprio Estado para a causa que escolher apoiar.

Modelo 3: Rosto » Quadro 11 » Campo 1101 » NIF: 500 816 905

Os Mártires da Pátria Portuguesa e os Prisioneiros de Guerra, na «Terrível e Ilustre Batalha do Lys», em 9 de abril de 1918 e nos dias que se seguiram, durante a Grande Guerra...



Georges Viaud
Presidente da Delegação de Paris e Ile-de-France da Liga dos Combatentes

...Números conhecidos e desconhecidos dos prisioneiros de guerra e militares portugueses mortos durante a Grande Guerra, na Alemanha imperial, na Bélgica e em França, invadidas e ocupadas.

No estudo que apresentamos honramos «1.882 Mártires da Pátria» no Cemitério Militar Português de Richebourg l'Avoué, e do Cemitério do Leste, em Boulogne-sur-Mer, bem como no Cemitério dos Aliados de Antuérpia, na Bélgica. São, respetivamente, «1.831», «44» e «7». No entanto, em 11 de novembro de 2014, durante a inauguração do Anel da Memória, ou Memorial Internacional de Notre-Dame-de-Lorette, em Ablain-Saint-Nazaire, no departamento de Pas-de-Calais, estão inscritos «2.266 Militares Portugueses Mortos» e dois anos depois passou a ser referido o número de «3.000 Militares Portugueses Mortos».

A lista dos nomeados, por ordem alfabética dos apelidos, foi transmitida, em ambos os casos, pelo Ministério da Defesa Nacional de Portugal. Deparamo-nos então com um diferencial de «1.018 Mártires da Pátria» que desconhecemos onde descansam no repouso dos Justos. Estes factos levaram-nos a fazer algumas investigações para esclarecer a situação.

No «Arquivo Histórico Militar» de Lisboa

Na continuação das nossas pesquisas, verificámos que existe no Arquivo Histórico Militar, uma caixa de arquivo com o número «PT-AHM-DIV-1-35-1270-A» intitulada «Registro e nominal dos existentes relativos aos militares

falecidos na frente da Europa, e processos bem assim dos números das placas por ordem das mesmas» ou «Registro numérico e nominal dos cadernos existentes relativos aos soldados que morreram na Europa, bem como os números das placas em sua ordem».

Assinalámos «240 Soldados Desconhecidos, e 26 Civis Desconhecidos, dos quais estão referenciados, 238 em Richebourg l'Avoué, 2 em Antuérpia» e os «4.327 Mártires da Pátria» mencionados na caixa de arquivo acima mencionada. Chegamos então ao número de «4.567 Mártires da Pátria Portuguesa», tombados no Campo de Honra.

Concluimos assim, que existe um diferencial de «2.685 Mártires» em relação aos «1.882 Mártires» que normalmente são homenageados nos três cemitérios mencionados acima e aos quais devemos acrescentar os «31 Mártires da Pátria» que descansam o Sono dos Justos respetivamente em Evere, Bruxelas, Bélgica, «13 na Grã-Bretanha», «2 em Espanha», «3 na Holanda», bem como «4 na Polónia» e «8 em França» ...

De facto, estamos, assim, sem notícias concretas de «2.654 Mártires da Pátria» para quem as suas únicas sepulturas são nas nossas memórias comovidas e reconhecidas aos seus sacrifícios finais. Jamais os esqueceremos!!!

O sofrimento dos Prisioneiros de Guerra Portugueses (PGP)

1 - Antes da «Terrível e Ilustre Batalha do Lys», de acordo com a Cruz Vermelha Internacional nas Séries de «PP 1 a PP 87». Antes da Batalha de La Lys e de dezembro de 1916 até março de

1918, referenciámos:

- No ano de 1916, 11 Prisioneiros de Guerra Lusitanos Civis e Marinheiros no mar;
- Em 1917, 241 Prisioneiros de Guerra do Corpo Expedicionário Português em França e na Alemanha Imperial;
- Em 1918, de janeiro a março, 99 PGP do CEP.

O que nos dá um total de 340 PGP do CEP, antes da Batalha. Se por enquanto temos poucos dados sobre os já citados «11 PGP Civis e Fuzileiros Navais», não nos faltam dados sobre os já citados «340 PGP do CEP» onde nas séries estudadas, aparecem os seus nomes e sobrenomes, bem como as suas unidades militares. É, aliás, um assunto muito pouco estudado e conhecido...

2 - O número de Prisioneiros de Guerra Portugueses, PGP, durante a «Terrível e Ilustre Batalha do Lys», em 9 de abril de 1918 e nos dias que se seguiram, de acordo com a Cruz Vermelha Internacional em sua Série de «PP 88 a 1315».

Relativamente aos números mencionados de Prisioneiros de Guerra Portugueses, durante e após a Batalha, verifica-se que o seu número ronda geralmente os 6.000 a 7.000 e um pouco mais. Ao estudar as várias fontes, descobrimos que os números transmitidos eram muito singulares, como nos aconteceu no caso da pesquisa sobre as três necrópoles de Antuérpia, Boulogne-sur-Mer e Richebourg l'Avoué, que não correspondiam aos números apresentados daqueles que tinham «Caído no Campo de Honra». Agora, acontece que havia uma maneira de chegar o mais próximo possível da verdade. Tratava-se assim da consulta dos «Registos da bu-▶

rocracia militar alemã» que tinham sido transmitidos à «Cruz Vermelha Internacional» depois à «Cruz Vermelha Portuguesa» onde encontramos anotações francesas e portuguesas.

Examinámos então «1.315 Séries», incluindo «1.227» que foram dedicadas aos «Prisioneiros de Guerra Portugueses» do Corpo Expedicionário Português, capturados durante a «Terrível e Ilustre Batalha do Lys», na data de «9 de abril de 1918» e nos dias que se seguiram...

Graças à contagem e registo de dados por Manuel do Nascimento, Historiador e Tesoureiro Geral da Delegação de Paris e Ile-de-France da Liga dos Combatentes Portugueses, encontramos, depois de mais de um ano de pesquisas, e de estudo nas «Séries PP 88 a PP 1315», «10.383 Prisioneiros de Guerra Portugueses» ou «PGP», dos quais devemos deduzir os «148 nomes duplicados».

Assinalamos que estas conclusões são de extrema importância, segundo as esclarecidas alegações do General Chito Rodrigues, Presidente da Liga dos Combatentes. De entre os Prisioneiros de Guerra Portugueses referidos, temos o maior dever de recordar e evocar os «127 Mártires da Pátria» que foram reenterrados entre os seus companheiros de Arma, sob as dignas e nobres cores da bandeira de Portugal no Cemitério Militar Português de Richebourg l'Avoué e também os «139 Mártires da Pátria» que permanecem para a eternidade em terra estrangeira.

Por fim, referimos que em cerca de 3.715 páginas, se encontram registados os seus nomes, subcategorias militares, bem como suas unidades militares e seus locais de captura e internamento. Assim, chegámos ao número «10.383 PGP», incluindo «148 PGP», que estavam duplicados.

Retirados os duplicados atingimos o número «10.235 PGP» incluindo «35 Soldados Desconhecidos» dos quais, havia «20» que conseguimos identificar graças aos números equivalentes aos números de matrícula, citados ao longo das séries.

Finalmente, na rica e cativante obra do Major Vasco Carvalho¹, do Estado-Maior General da «2ª Divisão Reforçada», estudamos os efetivos da 2ª Divi-



Em cima - Campo de prisioneiros de Bressen em Mecklenburg, Alemanha. Em baixo: Cemitério militar português de Richebourg, no norte de França.

são Reforçada em 9 de abril de 1918.

Eram então «1.689 oficiais e 19.374 sargentos, cabos e soldados» num total de «21.063 combatentes».

Entre estes 21.063 combatentes encontram-se os «10.235 PGP». Analisando a sua captura por setores do dispositivo das nossas forças concluímos que: - «4.058 PGP» terão sido capturados no Setor Fauquissart, «2.306 PGP» no Setor Neuve-Chapelle, e «2.862 PGP» no Setor Ferme du Bois.

Porém, tivemos também fora do Setor CEP, «393 PGP», e em locais desconhecidos, «764 PGP». Entre estes locais de memória de detenção de Portugueses do PGP, temos também deduzir os «148 nomes duplicados»...

Finalmente diremos, que na análise destes dados, tivemos a confirmação de que a «Terrível e Ilustre Batalha do Lys», em 9 de abril de 1918 e nos dias que se seguiram, terá ocorrido desenvolvida pelas forças alemãs, de Leste para Oeste.

Em conclusão, «49,29%» dos soldados portugueses disponíveis, ou seja, quase metade dos efetivos militares, foram PGP, a que devemos acrescentar os feridos, mortos, bem como os desaparecidos, segundo o sábio conselho do General Chito Rodrigues, Presidente da «Liga dos Combatentes». Chegaremos assim a «51%» ou «52%» dos efetivos, como baixas sofridas pelas forças portuguesas.

¹ Major Vasco de Carvalho (1888-1961), A 2ª Divisão portuguesa na batalha do Lys (9 de abril de 1918); prefácio do Sr. General F. Tamagnini. - Lisboa: Lusitânia, 1924. - XV, 416 páginas, 52 e 53... Aliás, esta obra foi reeditada em abril de 2016 pela «Liga dos Combatentes», apresentada pelo General Chito Rodrigues, que assinou um advertido «Exorde». Livro que pode adquirir... Além disso, no lançamento do General Gomes da Costa, que tinha comandado esta unidade militar heroica, os efetivos eram mais de «627 Oficiais e 18.000 Sargentos, Cabos e Soldados», na 34ª página, e mais adiante, era então «689 Oficiais e 19.374 Sargentos, Cabos e Soldados», na 43ª página, são cerca de «689 Oficiais e 19.374 Sargentos, Cabos e Soldados 18.627 Combatentes» e «21.039 Combatentes»...

A Guerra na Ucrânia



Nuno Pereira da Silva
Coronel do Exército

Introdução

Depois de em linhas muito gerais ter caracterizado a invasão Russa ao território Ucrâniano, onde por uma questão de método dividi em duas fases, vou caracterizar a guerra de uma forma holística, nos seus vários planos que a definem como uma guerra híbrida, e posteriormente do plano operacional e tático, terminando com um pequeno apontamento sobre o uso de drones comerciais e “gadgets” nesta guerra, algo completamente novo que permite aos comandantes fazerem reconhecimentos das posições inimigas entre outras pequenas operações militares

Este trabalho pretende responder à questão relacionada com as semelhanças e as diferenças principais entre esta e outras guerras do século passado.

A invasão Russa da Ucrânia

Primeira fase da guerra

A Federação Russa após ter reconhecido a independência das Repúblicas de Donetsk e de Lubansk na Região de Donbass na Ucrânia, e após ter retirado os civis da mesma, a pretexto duma ação armada ucraniana, enviou para as duas novas repúblicas que reconheceu, as suas Forças Armadas, camufladas como forças de interposição de paz, invadindo a Ucrânia, ou seja, iniciando uma guerra, violando os Acordos de Minsk que tinha assinado em 2015.

A guerra começou, como é da doutrina, pela tentativa executada pela Rússia de destruir as infraestruturas de Co-

mando e Controlo do adversário, portos e aeroportos, sistemas de mísseis antimísseis, aparentemente sem sucesso dado que muitas dessas capacidades estavam bem camufladas por parte da Ucrânia, que desde 2014 já esperava por esta invasão.

Em termos terrestres a Rússia lançou o seu ataque à Ucrânia por cinco Eixos de Aproximação, um a Norte para conquistar Kiev, um a Leste na direção de Karkiv, dois na Região do Donbass nas suas duas republicas autónomas e outro a Sudeste oriundo da Crimeia, tendo dispersado muito as suas forças, na tentativa de conquistar todo o território Ucrâniano, caso tivesse sucesso, no eixo de Kiev facto que lhe permitiria destituir o governo democraticamente eleito de Zelenski e substituí-lo por outro do seu agrado, tentativa que falhou redondamente, tendo as tropas do eixo Norte retirado para a Bielorrússia, no sentido de se reorganizarem e lançarem uma segunda fase da operação.

A forma generalizada com que as forças Ucranianas atuaram no terreno, na primeira fase da guerra, maioritariamente em ações de guerra irregular, com exceção da defesa das áreas urbanas, organizados em pequenos grupos bem armados, equipados com armas ligeiras e mísseis portáteis anticarro, combatendo maioritariamente apeados, efetuando emboscadas e golpes de mão a locais em que têm informações fidedignas da presença do inimigo.

Esta forma de atuar e combater, será, certamente, a forma que os Ucranianos continuarão a executar, caso a Rússia consiga ocupar militarmente o país. A incapacidade que os russos estão a demonstrar, em não conseguirem lidar com este tipo de fazer a guerra, é uma prova da falta de flexibilidade dos Chefes militares russos, que continuam a atuar, quase exclusivamente, com meios convencionais militares.

A segunda fase da guerra

A segunda fase da invasão à Ucrânia, de acordo com o Estado-maior Russo, começou por concentrar Forças na consecução do objetivo principal, conquistar a região do Donbass, que atualmente estão longe de controlar na totalidade, pois ainda só controlam cerca de 60% da região, apesar de já terem decorrido 8 anos de guerra. Acrescendo mais cerca de três meses de invasão e de destruição generalizada do país, sobretudo através de sistemas de mísseis balísticos de cruzeiro e de bombardeamentos aéreos, que não correram de acordo com o desejado, pois provocaram no Ocidente uma onda de solidariedade e de apoio político e com material de guerra inimaginável, com que Putin não contava.

Zelenski, o presidente ucraniano, responde à declaração de que a Rússia iniciou a segunda fase da guerra, reiterando a sua posição, de que a Ucrânia não cederá um milímetro do seu território, sem que seja efetuado um referendo, e só após a Rússia se retirar unilateralmente da Ucrânia, pois enquanto achar que ainda pode não perder a guerra e que a contraofensiva ucraniana, “nova esperança”, pode mesmo ganhar, não vai ceder nunca, ainda mais agora que a aparente mudança de objetivo russa pode ser lida como uma, ainda que pequena, vitória ucraniana.

Os conceitos de Guerra Híbrida e Assimétrica

O conceito de guerra híbrida tem sido frequentemente utilizado para caracterizar a atual guerra na Ucrânia, por ela não se reduzir a uma guerra convencional, entre duas forças Armadas Regulares. Na guerra híbrida são planeados de uma forma holística e utilizados todos os meios à disposição dos dois contendores no Teatro de Operações



Um veículo militar ucraniano passa numa estrada principal perto de Sytnyaky, Ucrânia (Marcus Yam / Los Angeles Times)

e fora dele, que vão desde a gestão da informação e da contrainformação da guerra psicológica, do uso do terror, do uso ciberespaço, da atuação nos planos político, diplomático, económico e comunicacional, utilizando meios de comunicação clássicos e toda a panóplia de redes sociais, para conseguir atingir os objetivos a que os adversários se propuseram.

A guerra híbrida é, pois, um conceito interessante que nos permite planejar e posteriormente analisar a guerra e seus efeitos duma forma integrada, duma forma holística, pois desta forma atingem-se mais eficazmente os objetivos traçados pela política.

Os efeitos conseguidos desta forma integrada de planejar e executar a guerra é superior à soma das partes, se consideradas individualmente.

E de realçar neste ponto a mestria com que Zelenski tem desenvolvido a sua estratégia comunicacional, em todos os planos supra identificados, tendo-se tornado num verdadeiro líder carismático, a nível global, que conseguiu unir a UE, a NATO, os EUA, o G7 e todas as democracias Liberais, no apoio à causa ucraniana, à causa da autodeterminação das nações, que pertenceram a antigos Impérios que desapareceram, e que a anacrónica

Rússia revisionista imperial de Putin não parece querer perceber.

No plano Operacional e tático, a guerra é caracterizada como sendo uma guerra assimétrica dada a desproporção de potencial de combate em termos absolutos e de forças existentes no Teatro de Guerra, desproporção que, no entanto, tem vindo a ser diminuída, na segunda fase da guerra, dado o apoio em material de guerra que o ocidente tem proporcionado à Ucrânia.

Utilização de Drones Comerciais na Guerra

Os Ucranianos, estão a comprar todos os Drones Comerciais de porte médio, que estão esgotados em todos os revendedores deste material, equipados com sistemas de condução remotos GPS, com sistemas de guiamento muito precisos e autónomos, com câmaras fotográficas e alguns dispositivos que lhes permitem transportar e largar pequenos volumes, para conseguirem obter informações do adversário, bem como para lançar pequenos engenhos explosivos sobre o inimigo.

Os pequenos Drones Comerciais conjugados com outros *gadgets* de obtenção de informações, atuando em “block chain”, passaram a ser os olhos destas pequenas forças irregulares no

terreno, dando-lhes informação sobre as atividades do inimigo em tempo real, algo que no passado era inimaginável, e que lhes dá uma imensa vantagem sobre os russos, que continuam maioritariamente a lutar como um Exército de segunda vaga, da era da revolução industrial e não da era digital.

Conclusões

A utilização do conceito de guerra híbrida efetuada de uma forma holística, em vários planos simultaneamente para a consecução de um objetivo operacional, é uma das novidades desta guerra, pois o planeamento e a execução têm em vista o sucesso no campo de batalha, embora no antecedente algumas operações deste género fossem efetuadas de uma forma desgarrada.

A Defesa convencional efetuada pelos Ucranianos em Kiev foi executada com êxito, embora simultaneamente fossem lançadas operações irregulares na retaguarda do inimigo. Algo utilizado com sucesso há séculos, inclusive nas nossas guerras peninsulares.

A utilização de drones comerciais e *gadgets* na guerra é também um acontecimento inédito, que pode substituir nalguns casos os helicópteros de reconhecimento, pois permite o seu uso contínuo e sistemático.



Alcobertas já tem um Monumento que homenageia os seus Combatentes

A inauguração foi na passada sexta-feira, 13 de maio, antes da abertura de mais uma edição das Tasquinhas de Alcobertas, num importante momento para aquela freguesia, que contou com a presença, entre os muitos convidados do executivo da Junta de Freguesia local, liderada por Paulo Dias, do Presidente da Câmara Municipal de Rio Maior, Filipe Santana Dias e dos seus vereadores, da presidente da Assembleia Municipal e deputada da Assembleia da República, Isaura Morais, e do Tenente-general Joaquim Chito Rodrigues, presidente da Direção Central da Liga dos Combatentes, entidade que para além dos dirigentes do Núcleo de Rio Maior se fez ainda representar pelos Núcleos de Santarém, Caldas da Rainha, Leiria, Alcobça, Batalha e Vila Franca de Xira.

Uma cerimónia que terminou com a atuação da cantora Mónica Pires, uma artista natural de Casais Monizes, que interpretou uma canção dedicada



a seu pai, também ele combatente, e que quis estender a todos aqueles que combateram nas fileiras do nosso País.

Usaram da palavra, o Presidente da Junta de Freguesia local, Presidente da Câmara Municipal de Rio Maior e o

Presidente da Liga dos Combatentes, seguido da cerimónia de Honra aos Mortos e colocação de uma coroa de flores. Seguiu-se a visita a uma exposição subordinada ao título "Rostos de Guerra".

COIMBRA - Inauguração da Biblioteca Augusto Casimiro

Em 11 de maio de 2022 dia em que o Capitão Augusto Casimiro dos Santos faria 133 anos, iniciou-se oficialmente as comemorações do Centenário da Fundação do Núcleo de Coimbra. Augusto Casimiro foi um militar com uma folha de serviços distintíssima. Após a sua participação na Grande Guerra na Flandres, juntamente com outros Oficiais e Sargentos, percebendo as dificuldades em que os Combatentes Portugueses chegavam a Território Nacional sentiram a necessidade de se organizarem para darem o apoio que o Estado não conseguia dar. O Capitão Casimiro esteve nas atividades iniciais da Fundação da então Agência de Coimbra e ficará por esse motivo com uma ligação de paternidade com a instituição. Mas Augusto Casimiro foi também poeta, memorialista, jornalista e comentarista político português e um destacado opositor republicano ao regime político do Estado Novo. A sua extensa atividade literária e a sua ligação à Fundação da Agência de Coimbra, foi decisiva para atribuição do seu nome à Biblioteca do Núcleo de Coimbra.

Presidiu à cerimónia o Presidente da Liga dos Combatentes, TGen Joaquim Chito Rodrigues. A sessão solene teve a seguinte sequência:

Apresentação de boas vindas aos convidados pelo Presidente do Núcleo de Coimbra, TCor João Paulino e ao fundamento que prevaleceu à realização desta cerimónia; Exposição sintética sobre a vida e obra de Augusto Casimiro pelos investigadores da empresa Rebobinar: Eduardo Albuquerque, Licenciado em História da Arte e Pierre Marie Doutorado em História Contemporânea; Breve alocução pelo TGen Joaquim Chito Rodrigues; Leitura de um poema de Augusto Casimiro pela Sra. Fátima Reis Melo acompanhado de momento musical, interpretado pelo Vogal da Direção, SAj Paulo Monteiro; Cerimónia de Imposição de Condecorações e Entrega de Diplomas.

Foi atribuída a Medalha de Honra ao Mérito, Classe Prata ao nosso colabo-



rador no CAMPS 4, Médico Psiquiatra, Dr. Silva Marques.

Foram igualmente agraciados com Diploma de Louvor do Presidente da Liga dos Combatentes, o TCor Médico José Andrade (Médico de Clínica Geral e Ortopedista no CAMPS 4) e o Dr. Silva Marques (Médico Psiquiatra no CAMPS 4).

Entrega de Diplomas de Testemunho de Apeço aos Sócios que contam 40 ou mais anos de associado do Núcleo de Coimbra da LC, designadamente:

Sócio Combatente n.º 54 228 – José Duarte Gomes; Sócio Combatente n.º 86 893 – Alfredo Manuel Figueiredo Simões dos Reis; Sócio Combatente n.º 90 665 – António José Duarte; Sócio Combatente

n.º 91 730 – Abílio Fernandes Rodrigues Jorge e Sócio Combatente n.º 96 000 – Mário Duarte de Oliveira Fernandes.

Descerramento de placa e inauguração da Biblioteca Augusto Casimiro, com a leitura de alguns poemas de Augusto Casimiro com acompanhamento musical.

Estiveram presentes várias entidades militares e civis, com realce para o Dr. João Carlos Trindade (casado com uma neta), em representação dos netos de Augusto Casimiro.

Esta cerimónia terminou com um Porto de Honra servido no Bar da Liga, nos Claustros do Colégio da Graça (Património da UNESCO), sede do Núcleo.

INAUGURAÇÃO DO TALHÃO DO NÚCLEO DE ALJEZUR DA LIGA DOS COMBATENTES, NO CEMITÉRIO MUNICIPAL DE ALJEZUR

No dia 5 de maio de 2022, decorreu a cerimónia de inauguração da 1ª fase do Talhão do Núcleo de Aljezur da Liga dos Combatentes (LC) no Cemitério Municipal de Aljezur. A cerimónia decorreu com a presença do Presidente da Câmara Municipal de Aljezur - José Manuel Lucas Gonçalves e de toda a Vereação Camarária, sendo a Liga dos Combatentes representada, pelo seu Presidente - TGen Joaquim Chito Rodrigues e pelo seu Vice-presidente - MGen Fernando Aguda.

O Núcleo de Aljezur, presidido pelo TCor Novais Henriques, esteve na sua plenitude, pois para além do seu Presidente também contou com a presença do seu Vice-presidente - José Matias de Oliveira e do seu Tesoureiro - Francisco Lucas.

Também o MGen Mendonça da Luz, Aljezurense convicto, que acompanhou e impulsionou o Núcleo de Aljezur nas diligências inerentes à concretização desta infraestrutura cemiterial da LC, esteve presente, materializando a sua presença o denodo e as diligências que conduziram à implantação do talhão que tanto pugnou para que se tornasse uma realidade.

A cerimónia iniciou-se com o desceramento, pelo Presidente da Câmara Municipal de Aljezur e pelo Presidente da LC, de uma placa recordativa onde figuram inscritas a data de inauguração e a designação das Entidades que inauguraram aquele espaço, a Câmara Municipal de Aljezur e a Liga dos Combatentes. Seguiu uma intervenção do Presidente do Núcleo de Aljezur que a seguir se transcreve:

“Sr. Presidente da Câmara Municipal de Aljezur, Sr. Presidente da Direção Central da Liga dos Combatentes, Sr. General Mendonça da Luz, Srs. Vereadores, Sr. Padre António, muito boa

tarde e muito obrigado pela vossa presença. Estamos hoje a inaugurar a 1ª fase do talhão destinado aos Antigos Combatentes falecidos, nascidos ou residentes no Concelho, e cujas famílias ou o próprio Combatente manifestem o desejo de neste espaço terem a sua última morada.

É uma obra conseguida com a colaboração de muitas entidades que, de uma forma ou de outra, contribuíram para que hoje possamos estar aqui. Nessa perspetiva, não posso deixar de referir, em primeiro lugar, a CMA que, para além de ter cedido o espaço, suportou todos os custos da sua construção, sendo devida uma expressão de profundo reconhecimento pelo interesse e contributo que este projeto mereceu da CMA.

Muito obrigado Sr. Presidente, como 1º responsável da Câmara, e uma referência particular ao Sr. Vereador António Carvalho porque foi, desde o início deste projeto, o elemento de ligação entre a “Câmara”, o Núcleo de Aljezur da LC e Major-general Mendonça da Luz.

O nosso agradecimento à Direção Central da Liga dos Combatentes, que acarinhou desde o início a criação do Núcleo de Aljezur, nunca regateando qualquer apoio que por este lhe fosse pedido, sendo que neste momento particular proporcionou que o projeto deste talhão e do ossário que nele será erguido – 2.ª fase desta obra - tenha sido produto do empenho técnico do Vogal da DC da LC – Arquiteto Varandas dos Santos, que não podendo estar presente, sabemos que nele gostaria de participar, mas certamente aqui estará para o ver continuado e concluído.

Meu General Presidente da Direção Central da Liga dos Combatentes, o nosso muito obrigado, extensível à sua equipa que tem acompanhado e



Talhão da Liga dos Combatentes (Núcleo de Aljezur), no cemitério municipal de Aljezur.

apoiado, sempre, o Núcleo de Aljezur.

Quero também agradecer o apoio do nosso Exército que graciosa e gentilmente colocou em Aljezur as granadas que definem os limites do talhão, mantendo a tradição.

Não posso deixar de referir o excelente trabalho realizado pelo Sr. Sebastião, proprietário da serralharia que executou a obra e alguns funcionários da CMA pela grande ajuda que deram na construção, destacando os dois elementos que trabalham no Cemitério

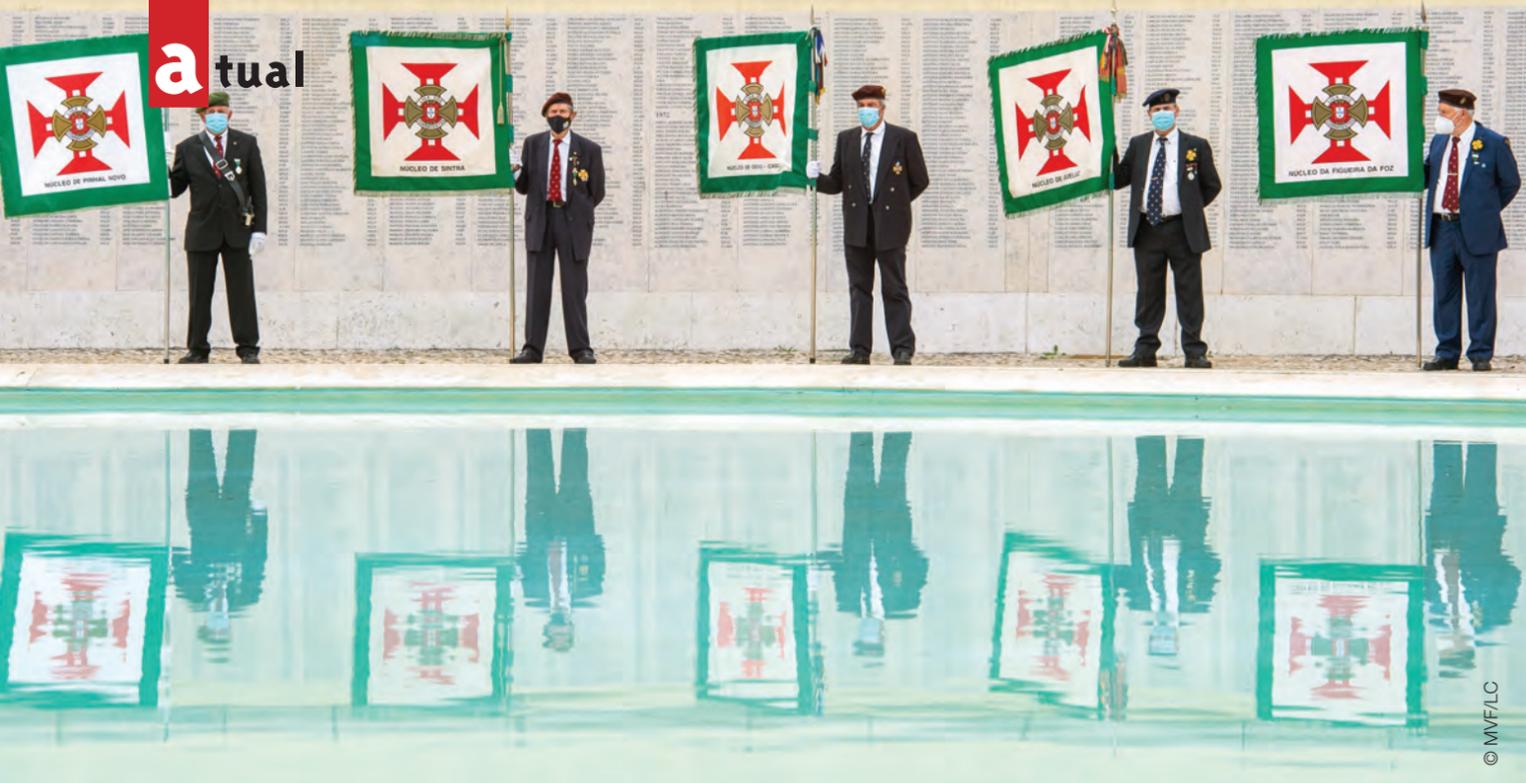
A primeira fase está pronta, aguardemos agora a oportunidade para que a obra continue e seja concretizado o projeto de arquitetura na sua globalidade.

A cerimónia no Cemitério terminou com a bênção do Talhão pelo Padre António, Pároco de Aljezur”.

Posteriormente, todos os participantes nesta cerimónia e por gentil convite da Câmara Municipal de Aljezur almoçaram num restaurante típico, onde puderam confraternizar em salutar convivência e apreciar algumas iguarias típicas de Aljezur.



Alocações proferidas pelo Presidente da CM de Aljezur e Presidente da Liga dos Combatentes.



© MVFLC

PROPOSTA DE ALTERAÇÃO DA LEI N.º 46/2020, DE 20 DE AGOSTO, PELA LIGA DOS COMBATENTES

Introdução à Lei que aprova o “Estatuto do Antigo Combatente” e procede à alteração às Leis n.º 9/2002, de 11 de fevereiro e n.º 3/2009, de 13 de janeiro
(ver propostas em www.ligacombatentes.org)

EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

Passados cerca de dois anos da publicação da Lei n.º 46/2020, de 20 de agosto, que aprova o “Estatuto do Antigo Combatente” e procede à alteração ao Decreto-Lei n.º 503/99, de 20 de novembro, à Lei n.º 9/2002, de 11 de fevereiro e à Lei n.º 3/2009, de 13 de janeiro, tem a Liga dos Combatentes vindo a receber vários contributos, nomeadamente quanto à abrangência das suas medidas, que vêm gorar as expetativas de que, com esta Lei, se iria fazer a justiça há tanto esperada por aqueles que combateram ou defenderam os interesses de Portugal no estrangeiro e nos territórios do antigo Ultramar.

Com a referida Lei n.º 46/2020, de 20 de agosto, atinge-se o reconhecimento

moral, mas não se contempla devidamente o reconhecimento material. É nessa esteira, que o Programa do XXIII Governo Constitucional se compromete “continuar a dignificar e a apoiar os antigos combatentes e famílias”.

Assim, considerando que:

1. A Lei n.º 46/2020, de 20 de agosto, que aprovou o “Estatuto do Antigo Combatente”, não contemplou os ex-militares que prestaram serviço em outros territórios ultramarinos sob administração portuguesa antes de 1975, designadamente os que prestaram serviço em Timor antes do 25 de abril de 1974 e os que prestaram serviço em Cabo Verde, Macau e S. Tomé e Príncipe. Os militares dos contingentes oriundos de Portugal, a designada Me-

trópole, cumpriram igualmente serviço militar longe das suas terras e famílias e contribuíram igualmente para a defesa dos interesses da Pátria portuguesa. O facto de não ter havido conflito nesses territórios, muito se deve ao efeito de dissuasão decorrente da presença de tropas portuguesas. Por outro lado, o desempenho dessas tropas, em situação de campanha, era em muito similar ao das missões humanitárias e de apoio à paz que hoje se praticam e que estão consideradas na Lei n.º 46/2020, de 20 de agosto.

2. Os militares que participaram em ações de cooperação técnico-militar em território estrangeiro não foram igualmente contemplados como “combatentes”. Presume-se que a não inclusão destes militares tenha sido um

lapso, uma vez que os estatutos que regem estas missões, constante do Decreto-Lei n.º 238/96, de 13 de dezembro, é semelhante ao estatuto dos militares das Forças Armadas envolvidos em missões humanitárias e de paz fora do território nacional, publicado pelo Decreto-Lei n.º 233/96 de 7 de dezembro. Acresce que, aos militares abrangidos pelos dois estatutos aplica-se a Portaria n.º 87/99, de 30 de dezembro de 1998, publicada em DR (2.ª série) de 28 de janeiro de 1999, que define os países de classe A, B e C com relevância para o acréscimo percentual de tempo de serviço. É, aliás, nesse contexto, que a Liga dos Combatentes atribui a categoria de sócio combatente aos “cidadãos que prestam ou tenham prestado serviço nas Forças Armadas Portuguesas e tenham participado em missões de (. .) cooperação”.

3. O artigo 11.º do Estatuto do Antigo Combatente não contempla explicitamente a Liga dos Combatentes na “Rede Nacional de Apoio”. Refira-se que a Liga dos Combatentes presta serviços de apoio médico, psicológico e social, através de um Centro de Estudos de Apoio Médico Psicológico e Social (CEAMPS) e de 11 Centros de Apoio Médico Psicológico e Social (CAMPS), com 60 técnicos e uma experiência com 12 anos no apoio médico psicológico e social de combatentes e uma média de 12.000 atos médicos e sociais por ano. Neste contexto, considera-se que a Liga dos Combatentes, deverá integrar um ativo a ter em consideração, porquanto constituir-se como órgão de conselho e apoio especializado do Centro de Recursos de Stress em Contexto Militar (CRSCM).

4. Muitos dos antigos combatentes sofrem, como resultado da sua intervenção ao serviço das Forças Armadas de Portugal, de doenças raras e ou crónicas adquiridas em contexto de stress e privações, motivadas por ações de guerra ou campanha. Por outro lado, com a passagem à situação de reforma, a maior parte desses cidadãos vêm reduzidos os seus meios de sub-

sistência, dado os gastos com a saúde se incrementarem com o avançar da idade. Verifica-se que a partir dos 65 anos de idade a situação se agrava, sobretudo pelo débil apoio médico e medicamentoso para os ex-combatentes com doenças raras e ou crónicas, pelo que a possibilidade de recorrerem ao HFAR, após essa idade, iria minimizar muitas dessas carências.

5. Grande parte dos antigos combatentes, pelo facto de auferirem parcas reformas, têm dificuldades no acesso à justiça em condições idênticas aos restantes cidadãos. Uma forma de obviar essa dificuldade seria a de isentar estes cidadãos das taxas de justiça.

6. Muitos dos ex-combatentes vivem hoje com dificuldades socioeconómicas. Deverá ser preocupação do Estado proporcionar a esses cidadãos, que defenderam os interesses de Portugal arriscando a própria vida, o mínimo de dignidade social. Tal situação implicaria atribuir aos antigos combatentes beneficiários dos vários regimes de segurança social, a que se refere o artigo 2.º da Lei n.º 3/2009, de 13 de janeiro, que se encontrem na situação de reforma e que auferam pensões inferiores ao “salário mínimo nacional”, o diferencial para atingir esse valor mínimo de dignidade remuneratória. Esse valor poderá ser alcançado em 3 anos, atingindo 70% do valor no primeiro ano e incrementar em 15% o referencial nos anos subsequentes.

7. O critério de atribuição do Suplemento Especial de Pensão é desajustado da realidade dos teatros de operações. Por exemplo, os antigos combatentes da Guiné, por ser um teatro de ambiente operacional mais difícil, nunca cumpriram aí 24 meses de comissão. Por essa razão nunca atingem o valor máximo do referido Suplemento, apesar de terem combatido no teatro de maior perigosidade. Outros países europeus, que também enviaram combatentes para as suas ex-colónias, aplicam um sistema mais simplificado, como é o caso da França, que atribui um suple-

mento para quem combateu mais de 3 meses em zona de periculosidade. Considera-se assim, que atribuir o Suplemento Especial de Pensão aos antigos combatentes que cumpriram mais de 6 meses, em condições especiais de dificuldade ou perigo, é mais simples e justo. Por outro lado, o montante atribuído é muito reduzido e não trata de forma digna aqueles que a Nação enviou para longe da Pátria a fim de defender os seus interesses. Um valor próximo de um salário mínimo nacional será o mais adequado, como reconhecimento da Nação e ao alcance das reais possibilidades do país.

8. A atribuição do Acréscimo Vitalício de Pensão é igualmente complexa, se tivermos em consideração o princípio que lhe está subjacente, “uma prestação pecuniária de natureza indemnizatória atribuída aos antigos combatentes”. O valor do montante atribuído, tal como referido para o caso do Suplemento Especial de Pensão, não confere o reconhecimento devido àqueles que a Nação enviou para longe da Pátria a fim de defender os seus interesses. O critério para atribuição e o seu valor deverá, por uma questão de justiça, ser idêntico ao adotado para o Suplemento Especial de Pensão.

9. Os subsídios abonados aos antigos combatentes, de acordo com a Lei n.º 3/2009, de 13 de janeiro, designadamente, o Complemento Especial de Pensão, o Suplemento Especial de Pensão e o Acréscimo Vitalício de Pensão, estão sujeitos à tributação em sede de IRS, situação que, nalguns casos, implica a mudança de escalão com a consequente penalização da pensão de aposentação do combatente. Tal situação provoca, na prática, a diminuição dos rendimentos anuais do combatente, o que não deixa de ser um paradoxo. 🇵🇹

A Lei pode ser consultada na íntegra, no site oficial da Liga dos Combatentes em:
www.ligacombatentes.org

dia do Combatente

Como em anos anteriores e um pouco por todo o país e estrangeiro, os núcleos da Liga dos Combatentes, celebraram o «Dia do Combatente».



Devido à grande quantidade de cerimónias realizadas, os restantes eventos podem ser consultados em:
www.ligacombatentes.org



Dia do Combatente e Evocação da Batalha de La Lys, em 9 de abril de 1918

Em 9 de abril de 2022 realizaram-se junto do Mosteiro de Santa Maria da Vitória na Batalha as comemorações do Dia do Combatente e a evocação do 104.º aniversário da Batalha de La Lys, em cerimónia presidida pelo Presidente da República e Chefe Supremo das Forças Armadas.

As cerimónias tiveram início com uma missa de homenagem aos mortos pela Pátria celebrada pelo Bispo das Forças Armadas e de Segurança, Dom Rui Valério, coadjuvado pelos capelães dos três ramos das Forças Armadas.

Estiveram presentes a Ministra da Defesa Nacional - Dra. Helena Carreiras, o Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas - Almirante Silva Ribeiro, o Secretário de Estado da Defesa - Dr. Marco Ferreira, o Presidente da Câmara Municipal e o Presidente da Assembleia Municipal da Batalha, o Chefe do Estado-Maior da Armada, o Chefe do Estado-Maior do Exército e o Chefe do Estado-Maior da Força Aérea, o Comandante-geral da GNR, o Diretor Nacional da PSP, o Chefe da Casa Militar da Presidência da República, muitos oficiais gerais e muitas entidades civis e militares, para além

de muitos combatentes e respetivos familiares que encheram a igreja com o colorido dos guiões dos Núcleos e das Associações de combatentes. Na parada em frente ao Mosteiro realizou-se a cerimónia militar que se iniciou com a apresentação das honras militares ao Chefe Supremo das Forças Armadas, seguida das intervenções do Presidente da Liga, da Ministra da Defesa Nacional e do Presidente da República.

O Presidente da Liga falou sobre as comemorações do centenário da Liga, informando que haviam decorrido com sucesso e fez uma resenha histórica do papel do combatente português em todos os cenários em que tem intervindo ao longo dos séculos. Referiu-se às preocupações relativas ao aprofundamento do apoio aos combatentes mais desfavorecidos e à necessidade de, de forma coordenada com o SNS, obter o acesso dos antigos combatentes ao Hospital das Forças Armadas, bem como o redimensionamento da Rede Nacional de Apoio. Importante, porém, para os combatentes é a Revisão do Suplemento Especial de Pensão e do Acréscimo Vitalício de Pensão isentos de IRS, bem como o apoio à Saúde,

nomeadamente médico e medicamentoso. A Liga dos Combatentes fará chegar à Ministra da Defesa Nacional propostas concretas sobre este delicado e importante assunto que não se encontra expresso no programa do governo.

A indispensável revisão da Lei 9/2002 e 3/2009 dando satisfação a estas preocupações farão do Estatuto do combatente um documento verdadeiramente histórico e de reconciliação entre os Combatentes e o Estado.

Da intervenção da nova Ministra da Defesa Nacional transcrevem-se os seguintes parágrafos: “É com enorme satisfação que participo nas celebrações do Dia do Combatente e do 104.º aniversário da batalha de La Lys. Um país que reconhece e homenageia o contributo dos seus combatentes é um país que respeita e honra o sacrifício que lhes foi pedido em nome da sua Pátria.

Saúdo a Liga dos Combatentes, na pessoa do seu Presidente que assegura, através dos seus Núcleos em todo o território nacional, que a nossa memória não se traduz em esquecimento e que perdura para além deste dia.

É minha intenção continuar a trabalhar em prol da melhoria das condições

de vida dos antigos combatentes através do principal instrumento jurídico aprovado na anterior legislatura, o Estatuto do Antigo Combatente. A aprovação deste Estatuto representou pela primeira vez no Portugal democrático, o reconhecimento material e não apenas simbólico, do Estado português aos antigos combatentes. Desde a sua aprovação já foram emitidos mais de 380.000 cartões de Antigo Combatente e de viúva/viúvo de antigo Combatente, foram concretizadas, entre outras medidas, a gratuitidade do passe nos transportes públicos na área da residência, a isenção das taxas moderadoras no SNS, a entrada gratuita em museus e monumentos nacionais, ou a validação de cerca de 110.000 pedidos da insígnia de combatente. Este Estatuto constitui um exemplo claro de como é possível conciliar o acesso a direitos sociais e económicos legalmente consagrados e moralmente devidos a todos aqueles que serviram o nosso país nas Forças Armadas.

No entanto, há muito por fazer. Temos que adaptar-nos aos desafios do atual contexto, que têm implicações profundas, quer para ex-combatentes, quer para as suas respetivas famílias. A primeira prioridade será a de adequar a Defesa Nacional à nova realidade de segurança europeia e internacional que decorre da invasão da Ucrânia pela Federação Russa. Teremos que aprovar a breve trecho um novo conceito estratégico de Defesa Nacional, a par com a atualização estratégica em curso na União Europeia e na Nato e reforçar progressivamente o investimento em Defesa.” No seu discurso o Presidente da República elogiou os combatentes e aproveitou para interpellar o governo e o país a perceberem o papel decisivo das Forças Armadas e a necessidade de reforçar os meios ao seu dispor para as tornar mais fortes, unidas e motivadas. Disse ainda que “*nesses tempos em que a guerra surge como ainda mais real, há que perceber como a paz e a segurança tocam nas nossas vidas e não é demais pensar que Forças Armadas precisamos ter.*”

Seguiram-se as condecorações que este ano incluíram: O Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas - Almirante Silva Ribeiro, com a Medalha de Honra ao Mérito grau Ouro, da Liga dos Combatentes; os Tenentes-coronéis Cosme da Silva, Tomás e Gabriel, o Presidente do Núcleo de Ponta Delgada - Cruz Marques e o Sócio Benemérito de Mora - João Filipe, todos com a Medalha de Honra ao Mérito grau Ouro. Veio a seguir o desfil-



le das forças em parada constituídas por companhias dos três ramos das Forças Armadas ao som da Banda do Exército que constitui sempre um momento de grande aparato e agrado dos muitos combatentes e público presente. Findo o desfile os convidados dirigiram-se para o Museu da Liga dentro do Mosteiro, onde o Presidente da República assinou o Livro de Hon-

ra da Liga, seguindo depois entre os guiões posicionados nos claustros para a Sala do Capítulo, onde se realizou a romagem ao Túmulo do Soldado Desconhecido junto à escultura existente naquela sala. Seguiu-se a deposição de coroas de flores pelas entidades que quiseram homenagear os mortos pela Pátria e cantou-se o Hino Nacional dando fim à cerimónia.▶

Discurso do Presidente da Liga dos Combatentes, Tenente-general Joaquim Chito Rodrigues, nas cerimónia do Dia do Combatente, na Batalha

O Dia do Combatente evoca-se hoje, como sempre, num contexto de memória histórica, mas hoje também, face aos atuais graves acontecimentos bélicos na Europa, num contexto de vivência do presente, devendo eu por isso reafirmar o que em declaração do dia 24 de fevereiro, dia da invasão da Ucrânia, difundimos publicamente:

Constatando que se abriu, no século XXI, na Europa, uma vertente violenta com o emprego da força, na relação entre países europeus, e recordando da História o sofrimento e as vítimas europeias escusadas, do passado, declaramos:

- Repudiar a violação dos Direitos Humanos, no Leste da Europa, como uso de Forças Armadas em ações de guerra, sem que estivessem esgotados os caminhos pacíficos da diplomacia;

- Alertar para necessidade de em permanência, Portugal, dispor de Forças Armadas capazes de serem, quando necessário, um contributo válido, proporcional sustentado, para a defesa da Paz na Europa.

Meus Senhores e Minhas Senhoras

Regressemos ao contexto da memória que nos traz aqui hoje. Ultrapassada a comemoração do centenário da Grande Guerra, acontecimento bélico que marcou profundamente a história contemporânea, somos levados a considerar ser momento para sublinhar e refletir sobre duas realidades.

A primeira, é a de que ao Centenário da Grande Guerra foi dado excepcional relevo, não só por parte dos mais altos responsáveis políticos portugueses e das nossas Forças Armadas, mas de todos os setores da vida nacional, em especial dos dominadores de problemáticas historiográficas, de fontes sobre o acontecimento à luz de quem o viveu, arquivos institucionais e pessoais que permitiram a autores e escritores aprofundar estudos, vivências, memórias, que através da palavra, em colóquios, conferências, ou da escrita, em livros publicados, enriqueceram não só a História, como honraram a memória dos que se bateram e dos que caíram em situação dramática de uma Grande Guerra. Curta, mas mortífera e demolidora. Foram as consequências, igualmente desumanas dessa guerra, que deram origem à nossa Instituição patriótica e humanitária, como Liga dos



Combatentes, da qual estamos a comemorar o Centenário da sua fundação.

A segunda realidade, que nos leva a refletir, é a de que embora tenham finalizado as cerimónias evocativas do Centenário da GG, nós, Liga dos Combatentes e altas entidades representantes do poder político e das Forças Armadas, estamos novamente, aqui na Batalha, como estivemos há uma semana em França, para nós históricos lugares de Richebourg, La Couture, Boulogne-Sur-Mer e Ambleteuse, evocando simbolicamente "a heroica e terrível Batalha de La Lys", hoje dia Nacional do Combatente, e como vimos fazendo, pela centésima quarta vez, continuando a manter vivas as memórias relativas aos que na Europa e em África, no Atlântico e no Índico, lutaram por Portugal e pela Liberdade.

Quantas vezes aqui, ao longo dos anos se evocaram os que em terra se bateram na Flandres, no Norte de Moçambique ou no Sul de Angola. Se evocaram e se continuarão a evocar. Sempre salientando o eterno conflito entre o cumprimento do dever e o perigo a enfrentar.

Retiro das palavras de um comandante referindo-se ao ambiente por si vivido, na GG, nesse confronto entre o dever e o perigo. Cito: "O dever acaba na morte. Deve-se morrer bem. A nossa vida nunca é nossa. Reparemos na Flandres de drenos profundos e lodosos, na Flandres das batalhas. É aqui que vivemos há perto de um ano!

Os meus soldados já perderam dos olhos a cor que traziam. E da campanha infinita vêm só ondas de metralha,

o rolar monstruoso dos aços que se pulverizam, o estrondar das goelas broncas do canhão! E como novidade, ouve-se bem o ranger das metralhadoras. É mais um comparsa. O incêndio põe bandas avermelhadas no horizonte. Há soldados que andam, que passam, que caem onde o destino quer.

Caiem aureolados pela glória, levando na alma a alegria dos sacrifícios sacrossantos, no coração um sentimento de grandeza que ninguém igualará. Nas suas campas de acaso, à beira das aldeias, nos ermos, sob as árvores, na profundeza da água lodosa e verde do Lys – eles terão sempre, como uma prece, a nossa lembrança, como carinho o nosso triunfo, como saudade a nossa admiração. Não chegará nunca o esquecimento! Todos poderão esquecer-los menos nós, companheiros. Nós temos de nos curvar ao respeito que infundem os que caíram nesta cruzada do nosso século. Que descansem os Heróis mortos". Fim de citação.

Quem nos diria que passado precisamente um século estaríamos vivendo cenário idêntico.

Por isso, continuamos nós hoje aqui, cumprindo esse legado e dever de preservar sua história e conservar a sua memória, evitando o esquecimento e para que hoje tenhamos moral para gritar bem alto que se evite a todo o custo a repetição da história e se assegure a Paz.

Mas na GG não houve só teatros da guerra terrestres. Ela desenrolou-se igualmente no mar, nomeadamente na costa atlântica portuguesa, no envolvente rio Minho, passando pelo Algarve, Açores e Cabo Verde e na costa

Angolana e Moçambicana do Índico. A atividade marítima das forças alemãs no nosso mar, terão mesmo contribuído para a nossa participação na guerra. A marinha portuguesa teve, pois, também uma extraordinária e arriscada missão, em especial a partir de 1916, acabando por ver afundados em águas nacionais cerca de 56 navios portugueses e cerca de 80 embarcações estrangeiras, entre eles 19 britânicos e 15 italianos, 15 noruegueses, 9 franceses, 7 dos EUA, 6 da Grécia e 6 da Dinamarca, 4 da Rússia, 3 da Espanha, 2 do Brasil, um da Suécia, 1 da Holanda e 1 do Japão. Num total de cerca de 146 navios das mais diversas nacionalidades, afundados ao longo da costa lusitana, ponto de passagem da frota de submarinos alemães.

Como homenagem a todos eles não podemos deixar de referir mais uma vez o NPR Augusto Castilho e o seu Comandante Carvalho Araújo que escoltava o paquete S. Miguel em direção a Ponta Delgada e de cuja atuação resultou o salvamento de 206 passageiros civis e emulação do NPR e seu Comandante. Luta heroica e desigual de duas horas e quinze minutos, mas testemunha de atos humanitários entre vencedores e vencidos, bem como de luta vitoriosa de 12 naufragos com o mar, os quais chegavam a bom Porto, a nordeste de Ponta Delgada, cinco dias depois do último combate, na GG, entre as forças da marinha portuguesa e alemãs. Estávamos em 19 de outubro de 1918, cerca de seis meses depois da Batalha de La Lys. O Armistício assinava-se, menos de um mês depois, a 11 de novembro do mesmo ano.

Mas também, bem mais longe, na costa de Moçambique, o Cruzador Adamastor, e suas lanchas, bem como a canhoeira Chaimite, haviam atuado e apoiado às forças terrestres, em 1916, fazendo mesmo ações e incursões destemidas no rio Rovuma. A 23 de maio de 1916 foi mesmo longe demais a sua ação e nem a proteção da nossa artilharia impediu a sua retirada, com três oficiais e trinta praças mortos, quatro oficiais e vinte praças feridos e dois oficiais e seis praças prisioneiros. Assim terminava o combate de Namaca.

Mais um exemplo do empenhamento destemido da nossa Marinha na GG. E que dizer da aviação militar, simbolizada em Óscar Monteiro Torres e Gago Coutinho e Sacadura Cabral de que se evoca no corrente ano o Centenário da Travessia do Atlântico Sul. Estas referências ajudam-nos a evidenciar a participação não só do Exército, sublinhada normalmente deste dia da Bata-

lha de La Lys, Dia do Combatente, mas também dar relevo, com toda a justiça, aos combatentes da nossa Marinha e da Aviação militar. Também nós combatentes da Guerra do Ultramar, tivemos, por decisão política de então, que nos bater em terra, ar e mar durante catorze anos e temos o direito de, odiando a Guerra, nos batermos agora pelo apoio daqueles a quem a guerra destruiu a vida e daqueles que chegaram ao final de suas vidas necessitam de apoio a saúde e apoio social e financeiro para continuar a viver com dignidade.

Meus Senhores, Minhas Senhoras

Como dizia Jaime Cortesão, Combatente e médico na GG nas suas memórias (cito): "Direi apenas o que vi e ouvi. Sofri demais para poder mentir. O sentido da verdade e a coragem de a dizer, são as maiores conquistas que esta guerra deu aos que nela mergulharam a fundo". Fim de citação.

Por isso, afirmo que também nós combatentes da guerra do ultramar e que nela mergulhámos a fundo, que comemoramos o nosso Dia do Combatente, e que na segunda metade do mesmo século, tivemos que enfrentar uma guerra bem mais prolongada, devemos ter coragem para continuar a dizer o que vimos, ouvimos e sentimos.

Mais do que o apreço feito por nós próprios, ao nosso comportamento, ouçamos quem nos observa do exterior:

Cito o General William Westmoreland, Chefe do Estado-Maior do Exército Americano, em relatório ao Congresso dos EUA, após visita, em 1971, ao QG português de Nampula, em Moçambique que dizia: "Querem vencer o Vietname, senhores? Dêem-me 8000 soldados desta gente, e ainda este ano o comunismo cai nas terras da Indochina. Eu vi corpos de tropas mais numerosas, batalhas mais disputadas, mas nunca vi, em nenhuma parte, homens mais valentes, nem soldados mais brilhantes que os do exército português, em cujas fileiras vi desprezar o perigo e combater dignamente pela causa sagrada dum Império condenado.

Quantas vezes, fui tentado a patentear ao mundo os feitos assombrosos que vi realizar por essa viril e destemida gente portuguesa, que sustenta, há mais de dez anos, em três frentes de guerra, contra uma poderosa face oculta, a mais encarniçada e gloriosa luta.

Aqueles homens que desconheciam os efeitos de uma bomba H ou o simples apoio dos helicópteros, provêm de terra desde as montanhas às planícies, cada um com o seu conto pessoal e mo-

tivação para ali, a 10 000Km de casa, irem defender os ideais de uma nação há muito esquecida numa Europa dividida.

Tentado fiquei, pois, a dizer que nessa mesma Europa existiam três verdadeiros poderes, cada qual com a sua sombra no Mundo: - A Europa Americana, a Europa Russa e Portugal. E é essa raia de gente a quem se pede tanto por tão pouco quer, com meios tão escassos e de modos bem simples, carregando na alma a sombra do Império Português, não precisavam do sabor da Coca-Cola, da experiência da droga ou de cultura hippie para combater. Simplesmente faziam-no, e não abandonavam as armas por uma causa errada, mas defendiam-na não só pela gente lá de casa, mas pela casa lá da gente. De Portugal o canteiro mais velho da Europa, vi frutos verdes ou maduros lutarem lado a lado com igual coragem, como se o combate fosse o ganha-pão dessa gente."

Minhas Senhoras e Meus Senhores

É com este verdadeiro hino de louvor aos soldados portugueses que nos congratulamos com as preocupações expressas no Programa do XXIII Governo Constitucional relativamente aos Combatentes. Em especial o aprofundamento do apoio aos mais desfavorecidos desenhando de forma coordenada com o SNS o acesso dos antigos combatentes ao Hospital das Forças Armadas, bem como o redimensionamento da Rede Nacional de Apoio.

Importante, porém, para os Combatentes é a Revisão do Suplemento especial de pensão e do Acréscimo Vitalício de Pensão isentos de IRS, bem como o apoio à Saúde, nomeadamente médico e medicamentoso.

A Liga dos Combatentes fará chegar a V. Ex^a Senhora Ministra da Defesa Nacional propostas concretas sobre este delicado e importante assunto que não se encontra expresso no Programa do Governo.

A indispensável Revisão da Lei 9/2002 e 3/2009 dando satisfação a estas preocupações farão do Estatuto do Combatente um Documento verdadeiramente histórico, e de reconciliação entre os Combatentes e o Estado.

Termino agradecendo, mais uma vez, a presença de todos neste dia, mais uma vez memorável, da evocação do Dia Nacional do Combatente.

Vivam os Combatentes da Guerra do Ultramar e das Operações de Paz
Viva a Liga dos Combatentes
Viva Portugal 🇵🇹



Cerimónia no Cemitério Militar Português, em Richebourg L' Avoué

Comemorações da Batalha de La Lys - França

Decorreram no fim de semana de 2 e 3 de abril, em França, as cerimónias de homenagem à memória dos militares portugueses mortos durante a Primeira Guerra Mundial, assinalando o 104.º aniversário da Batalha de La Lys. No dia 2 de manhã, as cerimónias realizaram-se no Cemitério Militar Português de Richebourg e junto ao Monumento aos portugueses mortos na Grande Guerra em La Couture, na região de Nord-Pas-de-Calais, com a presença do Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, Almirante

António Silva Ribeiro, e o seu homólogo francês, General Thierry Burkhard. Estiveram igualmente presentes o Embaixador de Portugal em França, Jorge Torres Pereira, o Chefe do Estado-Maior do Exército Português, General José Nunes da Fonseca, o Cônsul-geral de Portugal em Paris, Embaixador Carlos Oliveira, a "Sous-Préfète" de Béthune, Madame Chantal Ambroise, o "Maire" de Richebourg, Monsieur Jérôme Demulier, o Presidente da Liga dos Combatentes de Portugal, Tenente-general Chito Rodrigues, o Reverendíssimo Bispo das Forças Armadas e

das Forças de Segurança, D. Rui Valério, e uma delegação de militares das Forças Armadas Portuguesas junto da NATO e da União Europeia na Bélgica. As cerimónias foram enquadradas por elementos das Forças Armadas Francesas e Portuguesas, sendo que de Portugal estiveram 32 militares e alunos (7 da fanfara, 19 cadetes das Academias – 6 EN, 7 AM, e 6 AFA -, 3 alunos do Colégio Militar e 3 alunos do Instituto Pupilos do Exército). Na cerimónia realizada em Richebourg foram condecoradas 3 pessoas com a Cruz de São Jorge de 1ª Classe,

medalha privativa do Estado-Maior-General das Forças Armadas (EMGFA): o anterior "Maire" de Richebourg, Gerard Delayer, o Padre Carlos Caetano e o Sr. Marques Roque, Presidente do Núcleo da Liga dos Combatentes de Richebourg, que fruto de um extraordinário desempenho, contribuíram significativamente para a eficiência, prestígio e cumprimento da missão do Estado-Maior-General das Forças Armadas e da Liga dos Combatentes, designadamente no apoio prestado ao Cemitério Português de Richebourg, concorrendo para a dignificação de Portugal. Importa referir, que foram realizados melhoramentos significativos no Cemitério Português com apoio do EMGFA. Na tarde do dia 2 foi também inaugurado o Jardim da Paz Português, inserido no novo bosque de Richebourg,

perto do Cemitério Português onde estão sepultados 1.831 soldados mortos na Primeira Guerra Mundial. Para homenagear o sacrifício das tropas lusas, o atelier português K.W.Y. studio & Baldios apresentou o projeto "Mesa", que consiste num banco circular em mármore azul, proveniente de Portugal, integrado no centro do jardim, onde as pessoas se podem reunir, num convite à reflexão sobre os confrontos de há um século. No dia 3 de abril, as cerimónias prosseguiram em Boulogne-sur-Mer, junto do Memorial Português no Cemitério Internacional, e em Ambleteuse, junto ao Memorial da Cruz Vermelha e no Cemitério daquela localidade, tendo sido presididas, pela parte portuguesa, pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General José Nunes da Fonseca,

em representação do Almirante Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas. A cerimónia junto do Memorial Português no cemitério de Boulogne-sur-Mer, homenageou a memória de 44 soldados do Corpo Expedicionário Português (CEP) que participou na Primeira Guerra Mundial, que ali estão sepultados. Além de um importante centro estratégico para as forças aliadas, Boulogne-su-Mer foi, no decurso da Primeira Guerra Mundial, também a base do Corpo Expedicionário Português, onde estavam sediadas as infraestruturas de comando, de sustentação logística e sanitárias. As cerimónias de evocação da Batalha de La Lys prosseguiram em Ambleteuse, com uma homenagem à memória dos soldados portugueses caídos em combate ▶



Cerimónia em La Couture.



Inauguração do Jardim da Paz Português, inserido no novo bosque de Richebourg.



Cerimónia em Boulogne-sur-Mer.



Cerimónia em Ambleteuse, junto ao Monumento.



Inauguração de Cruz de Cristo, Ambleteuse.

entre 1916 e 1918, junto do monumento existente naquela cidade, erigido pela Cruz Vermelha Portuguesa em 1919.

Em Ambleteuse funcionou a área da retaguarda do CEP, onde esteve inserido um Hospital da Cruz Vermelha Portuguesa, o Serviço Postal de Campanha e outros serviços logísticos, e para onde mais tarde, após a Batalha de La Lys, foi transferido o Quartel-General do CEP. Seguiu-se a inauguração de uma Cruz de Cristo no cemitério de Ambleteuse, evocativa da presença

portuguesa na Grande Guerra. Esta inauguração ocorreu após a realização de ações de reabilitação conduzidas pela "Mairie" de Ambleteuse, em colaboração com o Estado-Maior-General das Forças Armadas e da Liga dos Combatentes.

Por último, refira-se que assistiram a estas comemorações várias centenas de populares, alguns descendentes de combatentes portugueses que casaram com francesas e se radicaram naquela região. Durante a cerimónia foi

proferida uma alocução pelo Presidente da Delegação de Paris da Liga de Combatentes, Georges Viaud, alusiva à participação do Corpo Expedicionário Português na Grande Guerra. Seguiu-se a inauguração de uma exposição fotográfica evocativa da presença portuguesa em Ambleteuse durante a primeira guerra mundial, realizada com recurso a imagens pertencentes ao acervo histórico da "Mairie", que atualmente é presidida por um descendente de combatente português. 🇵🇹

LEVITA

LIGUE JÁ
800 180 980
CHAMADA GRÁTIS

ELEVADORES DE ESCADAS

OFERTA
-200€

Acumulável com outras ofertas em vigor!

EXCLUSIVO
SÓCIOS ACP

SUBA E DESÇA ESCADAS EM SEGURANÇA E SEM DORES

ESPECIALISTAS EM ELEVADORES PARA CASAS E CONDOMÍNIOS

ELEVADORES DE ESCADAS



- ✓ Disponível em várias cores
- ✓ Instalação em menos de 1 dia

PLATAFORMAS ELEVATÓRIAS



- ✓ Instalação simples e sem obras
- ✓ Capacidade de carga até 325 kg

ELEVADORES RESIDENCIAIS



- ✓ Pode ser instalado em qualquer espaço



Peça um **catálogo grátis** à Levita ou marque uma visita gratuita com o nosso especialista para um orçamento sem compromisso.

AVALIAÇÕES GRÁTIS EM TODO O

**CONTINENTE
ILHAS DA
MADEIRA E AÇORES**



Braga

Comemorações do Dia do Núcleo

O Núcleo de Braga levou a efeito, nesta cidade, as solenidades comemorativas do dia do Núcleo. As cerimónias iniciaram-se com o içar das bandeiras, pelas 09h00, na sede do Núcleo. Às 10h30, foi celebrada a Missa na Basílica dos Congregados de sufrágio por todos os Combatentes que tombaram ao serviço da Pátria e em particular os que faleceram mais recentemente. Às 11h15, foi depositada uma coroa de flores em homenagem



aos mortos, junto ao Monumento aos Combatentes. Seguidamente, na sede do Núcleo, foi entregue Testemunho de Apreço e Medalhão da Liga dos Combatentes, a dois sócios que completaram 50 anos de inscrição e também o diploma da Medalha de Mérito da Liga dos Combatentes – Grau Ouro, ao

antigo Presidente do Núcleo, Coronel João Paulo Amado Vareta. No final, o Presidente do Núcleo de Braga da Liga dos Combatentes, Coronel António Manuel Estudante Mendes de Oliveira, agradeceu aos homenageados a longevidade de pertencer à família da Liga dos Combatentes. **■**

Mafra

92.º Aniversário do Núcleo

O Núcleo de Mafra comemorou o seu 92.º Aniversário no passado 30 de Abril. Do seu programa constou a Homenagem aos Mortos junto ao Monumento ao Valor do Infante, que contou com a presença do General Artur Pina Monteiro; do Brigadeiro-general João Luís Morgado Silveira, Comandante da Escola das Armas; do Vereador da CM de Mafra, Dr. Hugo Moreira Luís; do Presidente do Núcleo de Mafra, Coronel Nelson Figueiredo; da Dr.ª Alcina dos Anjos Silva, em representação da Direção do Palácio Nacional de Mafra; entre outras entidades convidadas, estiveram muitos sócios combatentes. Foram prestadas honras militares por uma Força da Escola das Armas. Seguiu-se um almoço de Confraternização, precedido pelas palavras do Presidente do Núcleo, onde estiveram presentes diversas entidades, sócios e familiares. *“O nosso agradecimento pela vossa presença, que também a consideramos como reconhecimento de uma Instituição Centenária de Solidariedade, que vem pugnando, desde a sua fundação, na defesa dos interesses dos Combatentes e no apoio aos mais carenciados.”* Com o apoio da CM de Mafra e da Escola das Armas, realizou-se a apresen-



Foto: Escola das Armas



Foto: António Costa Lopes

tação do livro “Amor & Saudade, Fados e outros Poemas”, da autoria do Vice-Presidente do Núcleo, Coronel José Geraldo. Presidiu ao evento o Vereador Dr. Hugo Luís. O livro foi apresentado pelo Ator João de Carvalho. Foram ouvidos fados, cujos poemas constam do

livro, pelos fadistas António Pinto Basto, Andreia Matias e Avelino Santos, acompanhados por Rodolfo Godinho à guitarra e Eduardo Lemos na viola de fado. Pelas 18h00, na Basílica de Mafra celebrou-se uma missa de sufrágio em memória dos combatentes falecidos. **■**

Évora

Presidente da CM de Évora visitou a sede do Núcleo

A visita surgiu na sequência da presença de vários elementos da Direção do Núcleo de Évora, numa das mais recentes reuniões públicas da câmara eborense. Assim, o presidente da edilidade - Carlos Pinto de Sá, deslocou-se à sede do Núcleo para aprofundar o conhecimento sobre algumas das suas dificuldades e projetos mais prementes. Da reunião de trabalho realizada, destaca-se a necessidade de estabelecer parcerias que permitam melhorar as instalações da sede, beneficiar o talhão do Cemitério dos Remédios afeto aos ex-combatentes e o monumento aos mortos da Grande Guerra, no Rossio de São Brás. Outra questão com elevado significado é a da oferta da Bandeira Nacional às famílias



dos antigos combatentes aquando do seu falecimento, direito que vai ser assegurado pela Câmara Municipal de Évora. Abriam-se ainda outras possibilidades de parceria ao nível da monitorização e apoio às famílias mais desfavorecidas, que podem ser enquadradas através do Conselho Local de Ação Social de Évora. A Liga dos Combatentes é uma instituição de utilidade públi-

ca centenária, fundada a 16 de novembro de 1923, cujos órgãos sociais são constituídos por voluntários, que conta com cerca de três mil sócios em Évora e disponibiliza importantes serviços de apoio social, tais como consultas de psicologia e enfermagem ou benefícios em diversas instituições, com as quais estabelece protocolos, bem como atividades de caráter recreativo. **■**

Oliv. de Azeméis

93.º Aniversário do Núcleo

O Núcleo de Oliveira de Azeméis, comemorou no passado dia 9 de abril de 2022, o seu 93.º Aniversário, o 104.º Aniversário da batalha de La Lys e o Dia do Combatente. A Cerimónia foi presidida pelo presidente do Núcleo, Joaquim Cabete. Marcaram presença o Vereador Dr. Rui Luzes Cabral e Olímpio Costa, Tesoureiro da UF de Oliveira de Azeméis. Foram homenageados os seguintes sócios, com 50 e 25 anos de vínculo à Liga dos Combatentes:

50 Anos de sócio: Alberto Costa Godinho, sócio n.º 49.660; António da Silva e Costa, sócio n.º 49.312; António Moisés Pereira Batista, sócio n.º 50.616; Cipriano Silva Bastos Coelho, sócio n.º 49.174; Dr. António José Guedes Pinho, sócio n.º 49.584; Edmundo Almeida Bastos Silva, sócio n.º 50.274; Joaquim Amaral Ferreira Castro, sócio n.º 49.659; Luís Manuel Rodrigues Barros, sócio n.º 49.463; Manuel Albino Casimiro Almeida, sócio n.º 52.606; Manuel Oli-



veira Neves, sócio n.º 48.664; Manuel Pereira Marques, sócio n.º 51.476 e Sílvio dos Santos Correia, sócio n.º 49.889. **25 Anos de sócio:** António Pinto Cardoso, sócio n.º 127.506. Tendo-lhes sido entregue o Medalhão do Núcleo e o Testemu-

nho de Apreço. De seguida foi feita uma romagem até ao Monumento dos Combatentes da Grande Guerra, onde foi depositado uma coroa de flores e respeitado um minuto de silêncio. Encerrando-se de seguida a cerimónia. **■**

Lagoa-Portimão

34.º aniversário do Núcleo

No passado dia 08 de março o Núcleo de Lagoa-Portimão, comemorou o seu 34.º aniversário.

Nas cerimónias realizadas, constou a colocação de uma coroa de flores junto ao memorial aos Combatentes portimoienses sepultados no cemitério de Portimão, tendo a Fanfara dos Bombeiros Voluntários de Portimão efetuado os toques da praxe. Esteve presente o Vereador Eng.º João Gamboa, em representação da CM de Portimão e o Secretário da JF de Portimão, Dr. Filipe Santos.

Pelas 12h00m, junto ao Monumento aos Combatentes e com elevado número de assistentes, a Direção do Núcleo colocou uma coroa de flores. Para além da população civil e muitos sócios da Liga, estiveram presentes o representante da JF, o Comandante dos BV de Portimão - José Mestre de Sousa e a Fanfara que igualmente efetuou os toques habituais. Seguiu-se pelas 13h30m um almoço de confraternização, no Tivoli Hotel, na marina da Praia da Rocha, que decorreu com animada



camaradagem entre os presentes. Os Núcleos de Aljezur, Olhão e Tavira, estiveram representados pelos seus Presidentes, TCor Novais Henrique, Júlio Bernardo e Major Pontes Fernandes, respetivamente. Com este Núcleo, viajou uma representação de 10 sócios. Esteve também presente o Comandante dos Bombeiros e o Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Alvor, Mário Freitas.

Durante o almoço, com cerca de 120 pessoas, a animação esteve a cargo

do acordeonista Carlos Benedito e o nosso habitual cantor e Sócio, José Tomé.

De salientar a atitude prestimosa do nosso Sócio Carvalho, também funcionário do Hotel, que ajudou no transporte de alguns sócios e familiares, com algumas dificuldades de locomoção, nos carrinhos do Hotel. Pelas 15h30, terminou mais uma confraternização deste Núcleo, sem que antes se tivesse cantado o Hino da Liga dos Combatentes e o Hino Nacional. 🇵🇹

Leiria

CM de Leiria apoia sócios do Núcleo

O Município de Leiria e o Núcleo de Leiria da Liga dos Combatentes, assinaram no dia 30 de março, um contrato-programa relativo à atribuição de um auxílio financeiro por parte do Município, no âmbito do apoio aos sócios do que o Núcleo tem vindo a desenvolver. Este apoio tem como objetivo aumentar e melhorar a resposta no que se refere à assistência aos associados do Núcleo de Leiria da Liga dos Combatentes, sobretudo no âmbito da saúde mental. Na assinatura, o Município de Leiria esteve representado pelo seu presidente, Gonçalo Lopes, e o Núcleo de Leiria da Liga dos Combatentes, pelo seu presidente Norberto Serra. 🇵🇹



Seixal

Inauguração da nova sede e 9.º Aniversário do Núcleo

Decorreu no dia 12 de maio de 2022, a inauguração oficial da nova sede do Núcleo do Seixal da Liga dos Combatentes. Na cerimónia estiveram presentes o Presidente da Câmara Municipal do Seixal, Eng.º Joaquim Santos, o Vice-Presidente da Câmara Municipal do Seixal, Dr. Paulo Silva e o Presidente da Liga dos Combatentes, Tenente-general Joaquim Chito Rodrigues.

Estiveram ainda presentes representantes da Assembleia Municipal, a União das Freguesias do Seixal, Arrentela e Aldeia de Paio Pires, a Junta de Freguesia da Amora, a Associação Humanitária dos Bombeiros Mistos de Amora, Associação Humanitária de Bombeiros Mistos do Concelho do Seixal, os Núcleos vizinhos e amigos do Montijo e de Sesimbra, assim como o Pároco da Amora, associados do núcleo e outras pessoas amigas.

Posteriormente, no dia 14 de maio de 2022, decorreu a cerimónia do 9º aniversário do Núcleo. Foi celebrada uma missa na igreja do Seixal onde foram lembrados e feita uma homenagem aos Combatentes que já partiram.



Já no Largo Jardim da Praça dos Mártires da Liberdade, realizou-se a cerimónia, onde estiveram presentes o Vice-Presidente da CM do Seixal, o Secretário-geral da Liga dos Combatentes, a Presidente da União das

Freguesias do Seixal, Arrentela e Aldeia de paio Pires e o Presidente da JF da Amora, entre vários outros convidados que abrilhantaram a cerimónia, tendo o dia terminado com o almoço de confraternização dos sócios do Núcleo. 🇵🇹

Abrantes

Passeio cultural à Serra da Estrela

Decorreu no dia 26 de março, um passeio à Serra da Estrela, com a participação de cerca de 50 sócios. Com a partida de Mação e passagem pelas Mouriscas e Abrantes, deslocaram-se para a Serra com paragem no Covão d'Ametade, antes da chegada à Torre. Apesar do denso nevoeiro que por ali grassava, mesmo assim puderam apreciar alguma da neve que ali existia, bem como uma visita ao centro comercial. Continuaram a viagem até ao Sabugueiro, onde os apreciadores de queijo, e não só, puderam adquirir



aquelas preciosidades. Seguiu-se o almoço, no Folgoso, que foi do agrado de todos, não só pela qualidade, mas também pela quantidade de pratos colocados à degustação. Após o almoço, dirigiram-se para Linhares da Beira, onde se apreciou o imponente

castelo daquela vila, tendo a partir daí iniciado o regresso a Abrantes. Obrigado a todos os que participaram e contribuíram com a sua presença para a retoma destas atividades socioculturais, que o Núcleo de Abrantes ao longo dos anos tem vindo a realizar. 🇵🇹



© MVFLC



O que se passa na Ucrânia vem mostrar quão frágil é a nossa vizinhança a Leste, mas a situação a Sul também é muito preocupante, como sucede, na Líbia, na Somália ou no Mali.

Evocar a Paz tem hoje um significado extraordinariamente importante quando a Europa vive novamente os flagelos da guerra. Partilhar este momento, neste local, é algo de grande simbolismo e profunda emoção.

Major-general Hermínio Maio



© MVFLC



© MVFLC

Dia das Operações de Paz e Humanitárias

No dia 29 de maio, no Museu do Combatente, em Belém, junto ao Monumento aos Combatentes do Ultramar, realizou-se a cerimónia de homenagem aos participantes das Missões de Paz e Humanitárias.

A cerimónia foi presidida pela Ministra da Defesa Nacional, Professora Doutora Helena Carreiras, com a presença do Secretário de Estado da Defesa Nacional, Professor Doutor Marco Capitão Ferreira, do Chefe do Estado-Maior do Exército, General Nunes da Fonseca, em representação do Almirante Silva Ribeiro, do Chefe do Estado-Maior da Força Aérea, General João Cartaxo Alves, do Vice-Chefe do Estado-Maior da

Armada, Vice-almirante Coelho Cândido, em representação do Chefe de Estado-Maior da Armada, do Presidente da Liga dos Combatentes, Tenente-general Joaquim Chito Rodrigues, do representante dos militares das missões de paz, Major-general Hermínio Maio, do Vice-presidente e Secretário-geral da Liga dos Combatentes, Major-general Fernando Aguda e Coronel Lucas Hilário, Vogais da Direção Central e outras entidades civis e militares.

Na homenagem a todos os homens e mulheres que integraram missões para restaurar e manter a paz em zonas de conflito, foram lembrados numa oração todos aqueles que deram a sua vida ao

serviço da paz, com deposição de coroas de flores junto ao Monumento aos Combatentes do Ultramar. O evento no exterior, que começou com os discursos do Presidente da Liga dos Combatentes, do Major-general Hermínio Maio e da Ministra da Defesa Nacional, seguidos de parada militar integrando forças dos Ramos das Forças Armadas e da GNR que estiveram nas Operações de Paz, terminou com uma cerimónia de imposição de condecorações e com o Hino da Liga dos Combatentes. No interior (parada) do Museu do Combatente, inaugurou-se a exposição do marketing do Museu do Combatente, com a colaboração dos comandos, fu-

zileiros e paraquedistas nas Operações de Paz. Da parte da tarde organizou-se uma tertúlia moderada pelo Tenente-coronel Hugo Fernandes, 2.º Comandante do Regimento de Comandos na Carregueira, sendo palestrantes pelos paraquedistas, o Tenente-coronel Miguel Machado, pelos fuzileiros o Capitão de Fragata Fuzileiro Ernesto Jesus Alves e pelos Comandos o Tenente-coronel Simões Pereira.

A exposição dos Fuzileiros com um bote e armamento e também dos Comandos com armamento despertou interesse e entusiasmo devido a equipamentos recentes em uso.

Isabel Martins



34 | Combatente junho 2022

35 | Combatente junho 2022

© MVFLC



Dia das Operações de Paz e Humanitárias - 29MAI2022

Recordando o 9 de Abril de 1927

Mais de 2000 Combatentes desfilaram pelas ruas de Lisboa

“Uma das comemorações marcadas para o dia 9 de Abril de 1927 era a romagem dos combatentes que, saindo do Cemitério do Alto de S. João, deviam ir tomar a testa das forças em parada.”

Essa romagem, que havia sido determinada pela Direção Central da Liga dos Combatentes da Grande Guerra e de cujos preparativos foi incumbida a Agência de Lisboa, que atuou segundo as indicações da Secretaria da Guerra, realizou-se, de facto, e em condições que afirmaram claramente o espírito de sacrifício e a compreensão nítida dos deveres por parte daqueles, que nas horas difíceis da Grande Guerra ergueram mais alto o nome do seu País.

Logo que terminou a missa mandada celebrar por um grupo de combatentes na igreja da Ordem Militar de Aviz, os Srs. Dr. Mac-Bride e Faria Affonso dirigiram-se à sede da Liga a ultimar os preparativos da concentração, seguindo dali para o cemitério do Alto de S. João, onde chegaram pouco antes da hora marcada. Às 13h00, na placa fronteira ao portão principal encontravam-se os combatentes, divididos por Delegações, tendo à frente a bandeira da Liga que era conduzida pelo Tenente Jaime Garcia de Lemos, o subalerno mais condecorado da Grande Guerra, e escoltada pelos combatentes, Cabo de Polícia, Alfredo Júlio Guerra, Sargento de Marinha António Alves, Sargento reformado Guilherme Caetano, Sargento Januário Martins, civil Manuel Gonçalves, polícia António Augusto Gonçalves, Cabo Francisco da Silva Garrido e Francisco Freixo, Cabo da GNR.

O Coronel Osório de Castro, logo que chegaram o adido militar francês e os ministros da Marinha, das Colónias e das Finanças, que tomaram a testa da romagem, acompanhados pelo General Abel Hipólito, da Comissão do Monumento aos Mortos da Grande Guerra, Coronel Ferreira Martins, da Comissão dos Padrões, Comandantes Pereira da Silva e Afonso de Cerqueira, que representava o Conselho Supremo da Liga,

com o delegado do Ministro da Guerra, Major Pereira Coutinho, Capitão Guilherme Carlos Oom, representante da Junta Central da Liga, Tenente-coronel Ferreira do Amaral, Coronel Mardel Ferreira, Augusto Pires Pereira, representante da colónia portuguesa na América do Norte, e outras entidades oficiais, ordenou que se iniciasse a marcha em direção ao Cemitério dos Combatentes, onde já repousam os restos do General Augusto Simas Machado, Major Dâmaso Augusto Marques, Sargento Manuel de Jesus Coelho e clarim Idílio Faro.

António de Cértima, adiantando-se, diz que vai falar em nome do soldado



Os Combatentes ao iniciarem a marcha.

combatente, desse soldado que, como os soldados dos exércitos aliados, ficou sendo o cidadão da Europa, ou melhor, cidadão do Mundo. Faz a apologia desse soldado, do soldado ignorado e simples que, não sabendo as razões que o faziam bater-se, foi um leão na defesa da sua bandeira, afirmando que era e é ainda, o soldado lendário de Portugal.

- Não lhe disseram para onde ia, pelo que ia, nem ele foi alistar-se em partido ou facção política. Foi porque o mandaram,

e bateu-se porque era preciso bater-se!

Referindo-se às consequências sociais da Grande Guerra, disse que o soldado lutou para que Portugal tivesse melhores dias e se enquadrasse na civilização das nações que querem Paz e querem Ordem.

- Como se fez então, procuremos nós agora e sempre, honrar a Pátria, para que ela seja através dos séculos a mesma terra portuguesa, berço de heróis e de Santos, de Taumaturgos e de Poetas! Cumpramos o que os Mortos da Grande Guerra nos ordenam!

Augusto Pires Pereira, da colónia portuguesa da América do Norte, elogiou

a Comissão Administrativa da Câmara Municipal, por ter reservado um recinto destinado aos restos mortais dos combatentes da Guerra, desses obreiros obscuros da independência da Pátria, que tudo sacrificaram em seu holocausto. Declarou o orador, que os 300 mil portugueses da América do Norte declinaram nele o encargo de interpretar, junto do Ministro da Guerra, a expressão de verdadeiro amor, carinho e respeito que lhes merece a memória dos

heroicos soldados seus compatriotas. Em nome desses portugueses fez entrega, ao representante do Ministro da Guerra, de uma coroa de flores, para ser deposta na campa dos mortos.

Seguiu-se no uso da palavra o Tenente Silvério Lebre, combatente condecorado com a Cruz de Guerra. O seu discurso teve rasgos de grande eloquência que comoveram até às lágrimas muitas das senhoras presentes. Falou da batalha de La Lys. Referiu-se à luta titânica e ingente sustentada pelo reduzido Exército português contra o inimigo, para concluir que os nossos soldados tinham morrido vencendo.

O orador, sempre escutado com grande interesse, fez uma digressão pela nossa História, dizendo que ela é uma autêntica epopeia de heroísmo e de glória. Depois de fazer a apologia do nosso soldado, o melhor do mundo, concluiu afirmando que os mortos da Guerra, cujas sombras nos cercam, só descansarão quando os vivos cumprirem as suas vontades, isto é, fizerem de Portugal uma grande Pátria. Nas últimas passagens do discurso ouvia-se, ao longe, o Orfeão de Sintra, que quis gentilmente tomar parte nas comemorações e que cantou a «Ode ao Soldado Desconhecido» sob a regência do seu distinto maestro, Luiz Silveira.

Palavras do Ministro das Finanças

Em nome do Governo, o sr. General Sinel de Cordes, Ministro das Finanças, declarou que se associava comovidamente a todas as comemorações.

- Em meu nome individual, peço à Liga dos Combatentes que continue a agir, trabalhando com entusiasmo e dedicação, de maneira a que nunca se esqueça o esforço que Portugal fez em África e em França e por forma a radicar bem na memória de todos o que foi essa epopeia heroica, não deixando nunca perder a lembrança da valentia e do heroísmo do Soldado Português!

Depois do Coronel Osório de Castro, presidente da Direção Central, ter agradecido a comparência dos membros do governo, Ministro das Finanças, Adido militar francês, Combatentes belgas,



A parada dos Combatentes. Um aspeto do desfile diante das tribunas.

franceses e portugueses e muitas pessoas que se achavam presentes, foram depor ramos de flores naturais nas campas do Cemitério dos Combatentes.

A Romagem

Já quase no fim do discurso do Tenente Silvério Lebre, os combatentes que rodeavam o lugar reservado aos oradores foram recebendo instruções dos Presidentes das suas Delegações para irem formando fora dos muros do cemitério. E apenas o elemento oficial abandonou o recinto, foi o porta-bandeira, com a sua escolta, postar-se no local que lhe havia sido destinado. Seguiam-se representantes dos vários corpos diretivos da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, muitos oficiais superiores do Exército e da Armada, entre eles o Comandante Pereira da Silva, antigo Ministro da Marinha, Delegações «La Lys», «Augusto Castilho», «Rovuma», «Naulilla», Barreiro e outras, num total aproximado de 1500 homens.

A marcha iniciou-se a seis de costado em direção à Avenida Almirante Reis, Rua Pascoal de Melo, Largo D. Estefânia, Avenida Casal Ribeiro e Praça Duque de Saldanha, onde se fez um pequeno alto para ingressar na romagem um numeroso grupo de combatentes que ali aguardava a sua passagem. Desceu-se a Avenida da República e o Campo Grande, dando-se ingresso no campo do Jockey Club pelas 15h30.

Os combatentes que, apesar da chuva, deram entrada no campo com a cabeça descoberta, e cujo desfile pela frente das unidades militares impressionou profun-

damente quantos a ele assistiram, foram postar-se em linha junto da tribuna.

O Ministro da Guerra e o Governador Militar de Lisboa, acompanhados por outras personalidades militares, passaram revista aos combatentes, a que veio juntar-se outro numeroso grupo que ali estacionava. A coluna dos combatentes elevou-se então a mais de 2000 homens! Depois da cerimónia da condecoração de vários camaradas da Grande Guerra, seguiu-se o silêncio de dois minutos, religiosamente guardado pelos muitos milhares de pessoas que se encontravam no vasto campo do Jockey Club e, uma vez entregue a bandeira aos artilheiros de Marinha, os combatentes receberam ordem de rodear as tribunas, vindo novamente desfilar perante elas, e dirigindo-se então para o portão, seguidos pelas forças que haviam tomado parte na parada.

A marcha do Campo Grande até ao local do monumento aos Mortos da Grande Guerra foi surpreendente de correção e de aprumo.

A chuva que, passada a Praça do Marquês de Pombal, caiu por vezes em fortes batedas, não conseguiu afastar um único combatente!

Rodeado o local do monumento, destrouçou a romagem, ficando apenas a bandeira até à chegada do Ministro da Guerra, que lhe fez um rígido e por isso mesmo, tocante cumprimento militar.

Excerto extraído da Revista mensal «A Guerra», órgão da Liga dos Combatentes, na sua edição Ano II, n.º 16 (Abril de 1927). A adaptação do texto obedece ao novo Acordo Ortográfico.

Jorge Henrique Martins

Dia da Poesia

Lançamento do livro “Na teia do esquecimento”

Forte do Bom Sucesso
254.ª Sessão – Belém

Realizou-se no passado dia 21 de março, “Dia Mundial da Poesia”, no Forte Bom Sucesso/Museu do Combatente, em Belém, o lançamento do livro de poesia “NA TEIA DO ESQUECIMENTO” da autoria de Antero M. Jerónimo.

A sessão foi aberta pelo Presidente da Direção Central da Liga dos Combatentes, Tenente-general Chito Rodrigues, que apresentou a obra, seguindo-se as intervenções do editor - Dr. Baptista Lopes, do autor e de alguns dos convidados. Das 41 presenças destacam-se o Presidente da Comissão Portuguesa de História Militar -



Major-general Vieira Borges, Vice-presidente da Direção Central da Liga dos Combatentes - Major-general Santos Aguda, Presidente do Núcleo de Oeiras/Cascais da Liga dos Combatentes, Superintendente Isaías Teles e Ivone Gaipi, autora da escultura que deu origem à capa do livro.



(...) Para garantir um retorno ao passado, às coisas boas e más que um dia a memória perderá, nada como a palavra gravada na folha branca do papel. Nenhum Combatente tem a borracha ou qualquer tinta indelével que apague da memória aquilo que viveu na guerra, é a voz da consciência a falar-lhe da sua condição de antigo Combatente, é a sua história, é a sua vida de um passado sempre presente.

O autor percorre as páginas deste livro com voz persistente, não a descrever a guerra em que não andou envolvido, mas tão-somente no intuito de celebrar, erguer e preservar os nobres valores fundamentais de lealdade e nobreza de carácter e espírito de coragem, sacrifício e missão que regem os Combatentes em defesa da Pátria.

Ávaro Costa, do Prefácio

Neste espaço em que Portugal existe
Como Nação e Pátria cedo formada,
Amo, luto, trabalho e resisto
Esta é a ditosa Pátria minha amada.

TGen Joaquim Chito Rodrigues, do Exórdio

Programa «Fim do Império»

Autor: Antero M. Jerónimo

Páginas: 98

Editora: Âncora Editora

1.ª Edição, março de 2022

À venda na Liga dos Combatentes: 10,00€ (+portes)

Pedidos para: patrimonio@ligacombatentes.org



Ofereça vinho La Lys



- 1 garrafa de vinho tinto reserva
- 1 garrafa de vinho tinto regional
- 1 garrafa de vinho branco regional
- 1 chouriço tradicional 0,180kg
- 1 painho 0,300kg

28,00€



Tinto Reserva +
Branco Regional +
Tinto Regional

16,30€



Tinto Reserva +
Branco Regional +
Painho 0,300Kg

16,40€



Tinto Reserva +
Branco Regional

12,30€



vinho
licoroso

15,84€
500ml

- 1 Garrafa de Vinho Branco Regional
- 1 Garrafa de Vinho Tinto Regional



Cx. em madeira

14,00€

- 1 Garrafa de Vinho Branco Regional
- 1 Garrafa de Vinho Tinto Reserva



Cx. em madeira

17,00€

- 1 Garrafa de Vinho Branco Regional
- 1 Garrafa de Vinho Tinto Reserva
- 1 Garrafa de Vinho Tinto Regional



Cx. em madeira

21,65€

Faça a sua requisição e pagamento, junto do Núcleo da Liga dos Combatentes da sua área de residência

General Jorge Manuel Brochado de Miranda

Faleceu no passado dia 02 de abril de 2022, o General da Força Aérea, Jorge Manuel Brochado de Miranda, natural da freguesia de Padronelo, concelho de Amarante, ali nasceu no dia 29 de agosto de 1926. Exerceu as funções de Chefe do Estado-Maior da Força Aérea entre 10 de abril de 1984 e 29 de agosto de 1988, o General Brochado de Miranda foi uma distinta personalidade da vida militar portuguesa.

Decano do Curso de Aeronáutica, foi incorporado a 3 de agosto de 1945 e brevetado a 1 de outubro de 1947, tendo voado essencialmente aeronaves de combate. Ao longo da sua carreira militar, exerceu várias funções de Comando e Chefia, no Continente, nos

Açores, em Moçambique e em Angola.

O General Brochado de Miranda foi várias vezes agraciado pelo Estado Português, nomeadamente com a Grã-Cruz da Ordem Militar de Avis e com a Medalha de Prata de Serviços Distintos com Palma.

A 31 de janeiro de 2018, o Presidente da República condecorou o General Jorge Manuel Brochado de Miranda com a Grã-Cruz da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada, elogiando a notável criação histórica militar, envolvendo uma vida de devoção à pesquisa, à escrita, à criação cultural, ao serviço da pátria.

Foi membro do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes e antigo Presidente da Mesa da Assembleia-geral. A



Liga dos Combatentes apresenta à família enlutada, os sentidos pêsames. **C**

Sugestões de leitura

PERCURSO DE UMA VIDA - Recordações do Fim do Império

A primeira parte da prosa começa por uma análise social do país e da cidade que o viu nascer. Folheadas algumas páginas ficamos logo cientes de que teve infância e juventude felizes. Com muita sinceridade e o coração nas mãos, chega a considerar Luanda "um pedaço da sua vida". Não restam dúvidas do amor que tinha à pátria africana, onde idealizava construir um futuro de sucesso e de felicidade plena.

Já longe daquele teatro de guerra, mas como se estivesse ainda na terra natal e pudesse influenciar a sua evolução política e social, assiste à barbárie que se seguiu ao "27 de Maio de 1977". Para esquecer as agruras de Angola agarra-se aos familiares, aos amigos e ao investimento na formação profissional.

Álvaro Carvalho, do Prefácio

15,00€
(+ portes)



Programa «Fim do Império»
Autor: António Menezes da Silva
Páginas: 349
Edição: 1.ª Edição - maio 2022
Editora: Âncora Editora

Livros à venda na Liga dos Combatentes



Pedidos para: patrimonio@ligacombatentes.org

"Só posso confiar numa marca que é ainda mais experiente do que eu!"



Ruy de Carvalho
ATOR

Líder mundial em elevadores de escadas

Agende a avaliação das suas escadas.

Scooters de Mobilidade

Nº1 EM SCOOTERS DE MOBILIDADE



Agende o test-drive da sua scooter

Recuperar a independência com as Scooter Stannah!
Desfrute novamente de uma vida ativa e livre, como sempre sonhou. Ideal para pessoas com algumas dificuldades em caminhar, as scooters de mobilidade Stannah devolvem a liberdade de se deslocar, em segurança, para idas à farmácia ou compromissos inadiáveis no seu dia a dia.

Elétricas e muito fáceis de manobrar



RUY40CO 11221

Aqualuxe

PERFEITA PARA BANHO ASSISTIDO OU DE CADEIRA DE RODAS.

Instalação em apenas 2 dias*



- Pedra de remate antibacteriana
- Cadeira ortopédica
- Limiar de acesso muito baixo
- Barra de apoio
- Vidros temperados resistentes à quebra e tratamento anticálcario com garantia de 10 anos.
- Base antiderrapante e antibacteriana

*Baseado numa instalação em condições normais.

Ligue Agora:

808 918 388

Custo de chamada local



Dia
das
Operações
de Paz
e Humanitárias